PREÇO: 2$000
FON FON
NATAL
1 9 3 1

Aristocratas

PELA sua pureza, pelo seu prestigio, pela sua excellencia no mundo da therapeutica a

CAFIASPIRINA

impoz-se á sympathia e ao respeito do publico. Remedio para todas as classes elle é, entretanto, o remedio aristocrata que não se confunde com imitações e succedaneos. Recommenda-o a "Cruz Bayer"; consagra-o a sua provada efficiencia na cura de todas as dôres e a virtude caracteristica de ser de todo inoffensivo.

Por isso é universalmente proclamada

o remedio de confiança

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

"ESPECIAL PARA FON FON"

O NATAL DA MÃE POBRE

GILBERTO VEIGA

CORRIA o Natal em meio de uma porção de festas. Nos olhos das creanças boiavam enormes alegrias. Nas cathedraes sumptuosas, bimbalhar de sinos, festa de carrilhões e o incenso envolvendo os altares ornamentados em volateios caprichosos. Nas ruas, o borborinho intenso e, nas casas de brinquedo, a multidão que se comprimia avida, á procura de mimos para os pimpolhos sonhos e descuidados. Ao pé de uma "vitrine" bem disposta, repleta de quinquilharias de todo feitio, uma mulher ainda nova, trajando um vestido preto surrado, faces sulcadas pelo soffrimento, segurava uma creança pela mão. Esta teria, pela apparencia, de 7 a 8 annos de idade. A pequenita, talvez esquecida da fome que lhe corroia as entranhas, olhava com voluptuosa caricia uma boneca loira através do crystal brilhante. A mãe pobre debalde procurava demover a filhinha daquella contemplação extatica e dolorosa. E, com affecto na voz e lagrimas tremeluzindo nas palpebras cavadas dizia á pequenita, que parecia suspensa nos grandes olhos azues da boneca loira:

— Vamos, meu bemzinho. Não vês que estamos mal vestidas e que toda essa gente perfumada e "chic" nos olha como si fossemos bichos raros?!

Mas a garôta não ouvia ou fingia não ouvir, e na sua divinal tagarelice de creança intelligente: — Olha mamãe, como é bonita! Os cabellos são feitos de raios de sol e os olhos parecem dois pedaços de céo. As fitinhas do seu vestido lembram aquellas que eu tive quando papae era vivo. E os sapatinhos, que bonitos! E a boquinha côr de rosa, como se abre num sorriso lindo!

Permeiando os elogios tecidos á boneca exposta, as lagrimas rolavam sobre a gollinha do vestido doido, num mixto de alegria e tristeza. Alegria por vêl-a; tristeza por não possuil-a.

Não descerrára, porém, os labios para pedir á mãesinha o presente rico que lhe sorria quasi ao seu alcance. No seu pequenino cerebro amadurecido pelas agruras da vida de orphã pobre, entrára instinctivamente a comprehensão das difficuldades da sua progenitora carinhosa. Muitas e muitas vezes surprehendêra, á luz titubeante de uma lampada mortiça, sua mãesinha chorando, a olhar com desvelada ternura o retrato do esposo, que se fôra para todo o sempre. E ella, como guiada pelo espirito bom do pae que morrêra, afagava-lhe as faces, beijava-lhe as mãos e sorria, como si tivesse a comprehensão exacta de que o seu sorriso tinha o magico poder de banir as lagrimas que inundavam o rosto joven da esposa inconsolavel.

Foram felizes. Tiveram uma casita humilde e asseiada, onde a ventura morou por muito tempo. Os tres se arrimavam num affecto mutuo, consolador. Os ganhos do homem chegavam para mantêl-as com relativo conforto, com sobria decencia. A fatalidade veiu, certa manhã bonita e tragica, romper esse élo de ternura, de felicidade. O esposo e pae, cumpridor dos seus deveres, fôra trahido pelo somno e accordára tarde. Consultou o relogio. "Chegaria atrazado ao escriptorio"! Lembrou-se de um taxi. "Era a unica solução". Desse modo evitaria que os patrões olhassem para elle com cara de "poucos amigos". E, chegando á porta, tomou o primeiro vehiculo que passava. Elle que nunca usava esse meio de transporte, nem mesmo para os passeios com a mulher querida e a filha idolatrada! O automovel poz-se em marcha. Poucos metros adeante, um caminhão, em doida desfilada, atropelou o carro que o conduzia. E a morte, lançando suas garras sobre o homem, cobriu de espinhos e de miserias a estrada suave dos dois séres que viviam á sua sombra tôa e carinhosa. Mariasinha, — assim se chamava a garôta, — frequentava um collegio, deixando-o pouco tempo depois da morte de seu paesinho extremecido. A mamãe, porém, educada, ensinava-lhe o que sabia. E ensinára-lhe, tambem, a supportar as agruras do destino, com resignação e confiança em Deus.

Com o correr do tempo, as necessidades começaram a acossal-as com furia, com insania. Tudo o que lhes deixára o esposo amantissimo e pae adoravel passára a mãos estranhas, por preços infimos, miseraveis. E, um dia, a pobre senhora volveu desvairada o olhar em torno, e nada mais teve para valer-se. Tudo havia sido devastado pela necessidade physica, restando-lhe, apenas, no dedo magro, uma pedra preciosa, que sorria ironicamente do destino e da vida... Era o annel de noivado. Passaram fome. Frio. Falta de remedios para Mariasinha. Carencia de toda especie. Mas o annel continuava teimoso a luzir no dedo descarnado...

Naquella tarde, de Natal, quando as ruas se enchiam de meninos felizes e luzidios, de homens e mulheres radiantes, os dois, em meio á multidão, eram um espelho vivo que reflectia a angustia, a miseria, o desespero intimo e profundo.

Tinham fome! As casas de chá expunham ostensivamente montões e montões de doces e fruetas! Por tudo isso passaram, mãe e filha, dominando a revolta visceral, e no dedo da primeira o diamante brilhando...

A boneca do bazar fascinou a pequenita. Tirou-lhe a fome e lhe arrancou lagrimas de intensa felicidade. A mãe pobre sentiu que a dôr do seu coração era mais aguda que a do seu estomago. Previu que o prazer da filhinha querida era mais pronunciado que a falta do alimento que a debilitava. E passando, numa caricia dolorosa, a mão nervosa na cabecita innocente, viu, entre os cabellos fartos, em cachos, a joia amada brilhando na negrura da cabeça muito mais amada ainda... Pensou. Seus olhos se encheram de lagrimas de fel e estas rolaram ao longo das faces côr de cêra, silenciosamente. E concluiu: "O dia mais feliz da

O NATAL DA MÃE POBRE

CONCLUSÃO

minha vida foi aquelle em que Marianno, terno e amoroso, collocou no meu dedo de noiva venturosa este annel de brilhante, acompanhando a alliança, symbolo do amôr inquebrantavel para a vida e para a morte. Elle irá repetir essa longinqua felicidade sobre os dias do meu anjinho."

E quasi aos empurrões rompeu a multidão das ruas, levando após si a filha pela mão.

O penhor! O monstro das cidades! O eterno e insaciavel devorador das economias do pobre! A sanguesuga da miseria, o vampiro do suor que lava a face do operario, o morcêgo horripilante, que chupa o fructo das energias do trabalhador, do menos protegido da fortuna, essa fada encantada que habita os palacios e dorme com os potentados em leitos de purpura e setim!

* * *

Noite de Natal! Galas e alegrias!

Num quarto humilde, quasi miseravel, num dos mais longinquos suburbios, Mariasinha, sentada num banquinho de madeira, tinha sobre os joelhos uma grande boneca toda vestida de sêda, e em uma das mãosinhas uns biscoitos, corados, que roia como si fosse um passarinho beliscando um pecego maduro. Seus olhinhos innocentes não se fartavam de contemplar os olhos azues da boneca loira. Sua boquinha mimosa não se fechava. O sorriso nella revivia como o primeiro raio de sol devassando a bruma da manhã depois de uma noite tormentosa e negra: o raio de sol da felicidade rompendo as trevas da desventura. E a mãesinha, numa tristeza feliz, num sentir proprio de mãe, mistura sorrisos e lagrimas, como si chorasse a perda do seu annel querido e partilhasse da ventura da filha amada...

— E' um navio soberbo! Imagine que tem uma piscina de cincoenta metros de comprimento.
— Para que isso?
— Para quem quizer ir a nado até a Europa.

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

Dr. Werneck Machado.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

MAGIC

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se extraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

B. M. J. (S. Paulo) — Uff! Quando chega o fim do anno e os estudantes de tudo quanto é escola, poetas de agua doce, caixeiros em férias, todo esse mundo de sonhadores e candidatos a um logar na literatura nacional entende de dar largas á inspiração. E quem paga o pato? O Yves! O desgraçado do Yves.

O cartão de boas festas que me enviam é a xaropada dos seus sonetos aleijados, ôcos, vulgares, sem uma idéa, um pensamento, uma imagem — nada, emfim, que se aproveite.

Oh! Mas não ha paciencia que resista, não ha bom humor que se mantenha firme, não ha bôa vontade que nos leve a perdoar essa falta de senso, essa ausencia de auto-critica. Oh, senhores! Então esses "poetas" não veêm que deixam mal os nossos nervos, com essa pretenção de quererem apparecer com tamanha e deploravel pobreza de espirito?!

Queixam-se depois: "O Yves? Um cretino. Um invejoso. Para elle ninguem tem talento. Só elle é que sabe escrever." E mais isto, e mais aquillo...

Pois bem. Veja-se agora o soneto (?) do sr. B. M. J.

Primeiro vamos á carta. E' um primor de vulgaridade.

"Senhor Yves, Saudações. Venho, com estas poucas linhas, pôr a sua já tão experimentada paciencia mais uma vez á prova, pedindo-lhe que passe uma vista de olhos sobre o soneto junto, de minha autoria. Ficar-lhe-hia muito grato se fizesse publicar o mesmo na secção correspondente do "Fon-Fon"; isto, naturalmente, no caso de achal-o digno de figurar em letra de fôrma na sua apreciada revista. Caso contrario me fará um grande favor, fazendo a critica daquella poesia.

Sem mais, agradecendo antecipadamente a attenção que dispensar a estas linhas, peço, que acceite as mais sinceras saudações do amigo, ainda que desconhecido.

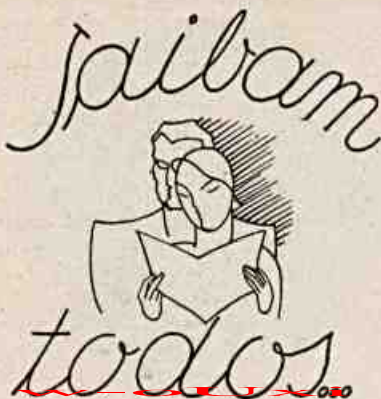
P. S. E' favor responder-me apenas por meio das iniciaes B. M. J., do meu nome."

Agora, leiamos a *maravilha* do soneto:

A PRIMAVERA DA VIDA.

A SENHORITA I. DA S. C.

A primavera é estação de flores,
De passaros cantando nos rosaes;
Deslumbra-nos a vista com mil [cores,
Enche-nos de perfumes divinaes!

A mocidade é quadra de esplen- [dores,
Os gozos que offerece são eguaes:
Aromas que inebriam são amores,
Musica e côr—são sonhos e ideaes!

Sem flores nos jardins a florescer,
Sem um sublime amor que o peito [invade,
A vida não terá outro prazer.

Procure, pois, amar na mocidade,
Se não quizéres triste, um dia, [viver,
Por não poder sentir, sequer, — [saudade!

Não é uma cestinha de logares communs?

MARIETA (S. Paulo) — O romance de Veiga Lima, o brilhante escriptor que todos nós admiramos, é "Veneno interior", e gira em torno do problema do amor, ou antes, de uma alma que ama e soffre, incomprehendidamente.

Encontra-se em todas as livrarias da cidade, ao preço de 5$000, em brochura.

O meu romance "Uma garçonne carioca" já entrou para o prélo. E' possivel que até o Natal já esteja á venda em todas as livrarias.

MORENO MORNO (Capital) — Os seus versos não podem ser publicados.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 26 - 12 - 931

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

MANOEL GREGORIO (Capital) E' possivel que a sua lenda seja aproveitada. Os versos — não. Os versos são de uma mediocridade. Quer uma prova? Ei-os:

INDIFFERENTISMO

Quando de ti me acerquei,
No peitoril da janella,
Estavas pallida e bella,
Com receio te falei...

Sorriste, ó meiga donzella,
E eu muito alegre fiquei.
Uma resposta esperei,
Mas, me deixaste sem ella.

Insisti, tornei falar,
Nem siquer me respondeste,
Ao menos com teu olhar...

Fitei a lua, tristonho,
E tu desappareceste,
Igual a visão de um sonho!...

MANOEL GREGORIO

O seu insuccesso amoroso está na razão directa do literario. Infeliz nas letras e no amor.

Tambem, meu caro e cheiroso Gregorio, o sr. é de um bocóismo a toda prova.

A "pequena" notou que o sr. era timido. Acercou-se da janella da moça, viu-a "pallida e bella" e mais pallido ficou. Certamente, ao lhe falar, tremeu e gaguejou.

Foi quando ella sorriu. Sem duvida, ella pensou: "Que bobo! Em vez de atracar logo, e pespegar-me uma beijóca, ainda vacilla... Não me serve! Gosto de homem audacioso, atrevido, etc."

E — zás! — aproveitou o ensejo e, quando o sr. virou o rosto para o outro lado, balbuciando: "O' bella... Eu... eu... eu... te... te... amo" ella se escondeu, de repente. Por isso que o sr. suppoz que ella tivesse desapparecido "igual a visão de um sonho"... Qual nada, poeta! Ella lhe deu um "fóra" em regra... simplesmente isso...

EXILÉE (S. Paulo) — Infelizmente não foi possivel um entendimento. Embora esquisito, ainda mantenho o meu velho ponto de vista. Por que perder tempo, numa época em que este é tão precioso?

De resto, eu sei que estou com a razão, quando expendo pensamentos como o que citou na sua cartinha azul e delicada.

Mas, vamos e venhamos, o embuste não partiu de minha parte, mas sim daquelle cartão postal, representando o acto religioso de um casamento, com os respectivos convidados e o indefectivel sorriso de innocencia que toda noiva mantem e deve saber manter na hora do "conjugo vobis"...

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: **Hors Concours.**

Á venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados

Fabrica:

FERREIRA SOUTO, S. A.

RUA FONSECA TELLES, 18 a 30 — Rio de Janeiro

LUIS ANDRE' (Alagôas) — A sua carta trata de um assumpto, cuja resposta interessa a muita gente. Dahi o motivo por que vou dal-a na integra:

"Yves — Você faz questão de um tratamento intimo. Não só attendo seu desejo, como não escolho papel para lhe escrever. Utilizo-me do mesmo que uso para rabiscar cartas aos meus amigos intimos. Está bem assim? Então... passemos a minha consulta:

Posso mandar-lhe um conto que já foi publicado numa revistazinha daqui? Pretendia submettel-o á sua apreciação e no caso de ser julgado prestavel, arranjar um cantinho para elle no "Fon-Fon". Sei que essa revista dá preferencia aos trabalhos ineditos, porém, como tudo quanto se publica nesta minha provincia raramente é lido fóra daqui o meu trabalho póde ser considerado inedito. Que acha?

Dessjava dizer-lhe que o admiro bastante, mas si fizer isso, agora que estou me candidatando a receber favores seus, poderia lhe parecer insincero. Ainda não tive opportunidade de ler seus livros, entretanto, tenho me deliciado muito com as suas chronicas no "Fon-Fon" e as suas formidaveis respostas aos consulentes do "Saibam Todos".

Para resposta, peço tomar nota do meu pseudonymo seguinte:

Luis André.

Acceite um forte abraço e disponha do seu admirador".

Resposta:

1.º — Muitos leitores e collaboradores nossos têm a supposição de que, publicando um trabalho num jornal de pouca circulação, poderão reedital-o numa revista como a nossa. E que fazem? Ludibriam-nos.

Isso tem acontecido e ha de acontecer. Mas somente até emquanto não descobrimos o embuste. Uma vez a coisa esclarecida, o collaborador entra para a nossa "lista negra".

2.º — Si o sr. não leu os meus livros é porque não se interessa por isso. Certamente, eu só o interesso como bom camarada, para lhe publicar o que escreve. Entretanto, o sr. me dá ensejo de fazer reclame d'"O Suave Enlevo" poema, e de "Uma garçonne carioca" romance, que será posto á venda em todas as livrarias, até o Natal. O primeiro custa 4$000; o segundo, ainda não sei o preço.

JAYME DE SANT'IAGO (Pernambuco) — Sim, caro confrade. Recebi o livro de Silvino Lopes, a quem já conhecia e admirava. Tomei as providencias para que o retrato delle seja publicado. Eu mesmo lhe escreverei a legenda e, possivelmente, falarei da obra nesta pagina.

MARIALVA (S. Paulo) — Agradeço a linda folhinha que me enviou, e bem assim os votos de bôas festas, e anno novo os quaes retribúo, desejando muitas felicidades a v. ex.

LAURITA (Capital) — Não pode ser publicada a sua collaboração.

YVES

O INIMIGO

DE BRENNO SILVEIRA

HA em mim um descrente que, ás vezes, escreve pela minha mão. Um homem acabado, de testa franzida e bocca aggressiva, dura, que só diz phrases contaminadas de pessimismo.

Eu tento, sempre em vão, dissuadil-o dos seus intentos. Mostrar-lhe que não convém, embora me diga a verdade e as coisas sejam como são, tirar-me a fé e a crença. Apontar-me o que eu, pouco observador, não vejo ou finjo ignorar.

Mas elle insiste. Chama-me de ingenuo, diz-me ásperas palavras de reproche.

Calo-me, porque o scéptico é mais forte do que eu, o sonhador. Raciocina fria e logicamente. Não soffre da debilidade do sentimentalismo. Os preconceitos não o encarceram em si mesmo. E' forte porque é só. Conhece-se bem e, conseguintemente, sabe da força que dispõe, dos meios de defesa.

Eu, ao contrario, amo a vida e o amôr. Gosto de sentir nos labios o contacto de certas mãos. Fico a pensar, quando uma linda vóz me fala ao telephone, si ella se parecerá ou não com quem falou. E, á noite, quando estou só, tenho saudade dos olhos que me sorriram, durante o dia.

II

Hontem foi noite de luar. Uma noite quente, em que as corollas exhaustas de pollem se enlangueciam, perfumando o ar.

Eu acariciava as petalas minusculas de um geranio, a ouvir uma valsa viennense que me suggeria coisas suaves ou apenas longinquas: uma paizagem hawaiana, pyramides, "steppes" loiras ao sol, "skis" velózes nas competições de S. Moritz, caricias de dedos tardos nas teclas amarellecidas de um velho piano... Pensava nestas e em outras coisas não menos agradaveis, quando o descrente que ha em mim perturbou a minha quietude interior.

Ao perceber que elle se approximava, para disfarçar a minha attitude de sonhador, principiei a assobiar o "refrain" de uma canção andaluza.

Elle chegou vagaroso. Com passos de homem que não tem pressa porque já andou por todos os caminhos e sabe aonde elles nos conduzem. No olhar perspicaz e agudo havia desprezo e piedade pelo outro. Por mim.

O luar alastrava sombras pela calçada. U'a mariposa volteava acrobaticamente ao redor de um budha de ventre luminoso.

Perguntou-me o que fazia. Respondi-lhe, vexado, que pensava em coisas bôas. Essas que a gente deseja porque estão sempre veladas numa canção, no ar das noites de verão, nos olhos e na bocca das mulheres jovens. Essas coisas que se dizem baixinho, como si fossem mentiras: as palavras de carinho, os nomes de mulheres que lembram paizes desconhecidos, os nomes de logares que vêm em rótulos de garrafas empoeiradas...

O homem descrente sorriu. Aquelle sorriso me causou a impressão de uma cicatriz que se abrisse. E a sua bocca, que já soube fazer-se entender e beijar, enternecer até o pranto, persuadir até a crença dos grandes ideaes, a sua bocca não soube dizer-me nada. Sorriu, apenas. Sarcastica, indecifravelmente.

Offendi-me com a sua temeridade. Por que estar a rir-se de mim? Que sabia elle da vida, do amôr e dos homens, que eu não soubesse? Então, por que rir-se daquella maneira?

Contive, porém, o impeto de pôl-o escada a baixo. Afinal, elle é até sympathico, ás vezes. Entremeia o seu pessimismo de uma poesia triste, que captiva. E,ademais, tem o valor soberbo da renuncia. Da renuncia e de ser só.

Conversámos algum tempo. Persuasivo como um flagrante, falando com vagar, como os que conhecem o valor exacto de cada vocabulo, diplomaticamente maneiroso, convenceu-me logo com os seus argumentos. Comecei a achar logicas as palavras que até alli tinha achado absurdas. E acabei, como sempre, concordando com ellas.

Mais uma vez o scéptico vencia o optimista.

Mas, depois que o descrente me deixou com o desconsolo de suas palavras, no desalento da minha fraqueza, pude ainda reanimar-me e levantar a fronte, porque uma lembrança branca de mulher foi uma nova resurreição do homem vencido...

A SOMBRA E O ESQUECIMENTO

Recordo... A vida é um sonho e eu sou um sonhador.
O motivo é banal, banalissimo até,
que a existencia, afinal, seja aqui ou onde for
é um sonho sempre, e sonho é aquillo que sonho é.

Portanto, eu quero ser o primeiro dos poetas,
nesta banalidade horrivel da existencia,
a vêl-a, como vejo, em suas horas quietas,
através de um cigarro cheio de indolencia...

Sonhador! E dizer que o sonho é como o ouro
dentro da lama, e que eu sou forçado a buscal-o
como, nas ardencias do deserto, um mouro
conduz gemmas de Ophir no dorso de um cavallo.

Pedras preciosas da illusão; a myrrha e o incenso
do amor, que faz da vida uma felicidade;
felicidade que ainda é sonho, o sonho immenso
da vida, quando a vida é um sonho de bondade.

Eu tenho da existencia uma illusão estranha.
Dentro della, sonhando, eu me vou, por ahi,
como, outr'ora, um audaz cavalleiro de Hespanha
corria mundo como eu ando por aqui.

As aventuras, as façanhas, as conquistas,
tudo que enthusiasma em vibrações estoicas;
a vida singular de todos os artistas
desdobrando-se toda em paginas heroicas;

tudo que encante, e movimente, e inspire, e elévé,
é agradavel dizer a um homem como eu sou:
torna, é verdade, os seus cabellos côr de neve
mas, o que elle sonhou, bem sabe Deus, sonhou!

Recordo... A vida é assim um sonho, e eu sou, na vida,
um simples sonhador deste sonho vulgar.
E' que, outro destino tem uma sombra perdida?
De outro não sei, sinão soffrer, sentir, sonhar...

ESDRAS FARIAS

MEDITAÇÕES SOBRE NATAL

REFLECTI muito sobre as festas, e a primeira reflexão que faço é esta: existem ainda? Na realidade, são apenas uma parodia.

A' medida que o homem melhora sua existencia material, que a torna mais commoda, mais agradavel, vê, por uma especie de compensação, extinguir-se, apagar-se a outra metade de sua vida, a fantasia, os sonhos, que dão brilho e resplendor mesmo ás existencias mais miseraveis.

As festas estão fóra de uso. Perdem sua razão de ser, desde o momento em que o prazer é igual todos os dias.

A caracteristica do homem moderno é sua preguiça de imaginação. Não tem necessidade de pensar nada, de nada ajuntar a sua vida. Tudo está feito.

Para convencer-vos de que é assim, não temos mais do que comparar sua vida a esses espectaculos historicos que ainda se dão, e nos quaes os artistas timidos e envergonhados de seus papeis desfilam deante dos espectadores, indifferentes e trocistas.

O homem moderno não enlaça sua vida a nenhuma fabula ou lenda, e suppõe que o Universo é um pouco mecanico. A propria casa onde mora não passa de um abrigo commodo e necessario. Na familia, não têm tempo de deitar raizes as recordações, nem tampouco podem alojar-se ali.

Nessa pobreza geral de sentimentos, na desolação de sua vida confortavel póde orgulhar-se de haver diminuido as penas e soffrimentos, mas, ao mesmo tempo, lhe faltam as alegrias.

No emtanto, entre as festas que perduram, quando mais não seja, de nome, está a de Natal.

E' a unica ternura da humanidade, a unica que, durante a ultima grande guerra, tão encarniçada, fez suspender um momento as hostilidades e os horrores.

E' uma bella festa!

Une os sentimentos de todos os povos. Evoca a indolencia diaphana de uma noite do Oriente, e o Norte une á poesia de seus frios o encanto da neve.

Representa a vida modesta e humilde do estabulo, do boi e do asno. Sobre essas recordações parece illuminar-se a alma juntamente com os côros dos anjos e, com elles, renascer a vóz universal da esperança.

E' necessario estar morto de todo para ser insensivel á belleza do dia de Natal.

Mesmo o homem mais scéptico, si é capaz de ter um ideal qualquer, se sente esperançado em Natal com tudo o que esta festa tem de ingenuo e de sincero. A vida, pois, não é nada, si não se enche com alguma fé, com alguma crença, com algum sonho.

ABEL BONNARD

NATAL DE SERINGUEIRO

De ADAUCTO FERNANDES

DEANTE do "mosquiteiro" de "azul e branco", elle parou cambaleando os passos, um instante, os olhos murchos, inexpressivos, vertendo impaludismo, emquanto, dentro de sua alma afflicta, uma agonia repleta de angustia desalentava-o todo, ferreteando-lhe de descrença e tédio as ultimas esperanças que nasciam.

Afinal, cobrando um pouco de animo, numa attitude amarga, intraduzivel, cheio de soffrimento e de pobreza, exclamou sem forças, num arquejo supremo de cansaço:

— Natal de seringueiro! Como é triste o meu Natal!

Effectivamente, na tarde desse dia festivo de dezembro, elle ouviu, velado de dôr, a mulher dizer para a filhinha que chorava, tremendo convulsa, olhos esgazeados, quasi vitreos, no ataque insidioso da febre palustre que a minava:

— Não chore, meu anjinho. Hoje á noite, sem que ninguem veja, Papae Noel traz o remedio que me prometteu. Elle é bomzinho, e nunca falta quando promette.

A mulher, quando mãe, por mais rustica que o seja, é sempre assim. Gentil e carinhosa, vive dentro d'alma de seus filhos, e até mesmo mente para consolá-los, embora com as lagrimas da illusão nos olhos, rindo, disfarçando, pelo prazer divino de ser bôa. Nessa tarde, pareceu-lhe muito natural, muito simples, enganar a filhinha enferma, promettendo um presente de remedio, que ella bem sabia, não chegaria nunca. Com isso, porém, não comprehendeu que o marido, cheio de febre, tropego, vacillante, tambem era pae, e tinha o direito de ter coração. Por isso, talvez, elle attentou melhor, e viu que, na promessa ingenua da mulher, havia uma amargura infinita; porém, em tudo, menor que a monstruosidade da sua immensuravel miseria. Como era difficil o resto impaludado dessa vida de caçador de *hevea-brasiliensis*, sombra errante de selvagem a pervagar nas mattas, havia mais de quinze annos. Agora, alli, em meio das selvas, em plena planura, era, em tudo, muito peor que nos seus tempos de "brabo". As pernas inchadas, volumosas, dormentes, estavam muito mais tropegas, o ventre mais crescido, os arrepios de frio mais fortes e as vertigens muito mais constantes. A natureza paludica da amazonia, com o seu cortejo de endemias mortiferas, hydropizára-o irremediavelmente. Era um verdadeiro cadaver ambulante, disforme pela magreza, e repellente pelo excesso da "barriga d'agua". Ha dias que elle e a mulher, — essa infeliz trabalhadora, que se chamava Genoveva, — no desespero intraduzivel da amargura que os envolvia, tinham concentrado todo o seu amor e todo o seu carinho no tratamento desse pequeno e fragil sêr, carne de sua carne, sangue de seu sague, e unico bem que lhes déra o insulamento de cinco annos continuos de "centro", entre "carapanãs", e "piuns", no mais fechado ermo do seringal. E, com que cuidado, com que ternura, pae e mãe, dentro do "mosquiteiro", lamparina á mão, á noite toda, haviam passado, chorando mudos á cabeceira da filhinha enferma. A ultima dose de sulphato de quinina, contra as febres e as molestias havia sido tomada, e, graças a Deus e tambem a ella, espaçára mais um pouco o furor intermittente dos ataques. Na opinião de Ambrosio estava jugulado, felizmente, o maior perigo. O mais importante, agora, era a dieta e a continuação do tratamento. Quanto a elle, pouco ou nada lhe adeantaria mais uma semana de vida. A qualquer momento poderia morrer, sem deixar grandes saudades. Em meio da floresta, bem dentro do "inferno verde", onde tudo amedronta e assombra, só a mulher e a filha sentiriam a sua falta.

*

Noite de Natal! Uma pequena lamparina de kerozene illumina frouxamente, bruxuleando ao vento, o ambito estreito, aberto, da palhoça, — simulácro de casa, — misera barraca assoalhada de estipites de "paxiuba", erguidas do sólo, num compartimento unico. Lá fóra, no coração umbroso da matta sombria, secular, a tempestade se desencadeia forte, tormentosa, incendiada de relampagos, abalada de trovões, atufada de ventos impetuosos, rugidores, ululando violentos na cantiga nervosa das frondes, descolmando as arvores.

Ambrosio e Genoveva, cançados, arfando á agonia dyspnética da inchação, ao lado da creancinha que parecia dormir tranquillamente, exhaustos, num arranco supremo de energias que fogem, se deitam juntos ao "mosquiteiro", assistindo, indifferentes, ao fuzilar metralhante dos raios, cruzando dentro da cortina negra da noite. Através dos relampagos, se descortinava, áquella hora, um céo impenetravel, escuro, pesado, abafando as arvores retorcidas, pontoando embastecidas, entrelaçadas, no galope vertiginoso das lufadas. E, no tango gemebundo dos galhos, de quando em quando, incendiavam-se clarões disformes, ora, confundidos com as folhas, ora destravando os caules que se partiam. De longe em longe, gritos agudos, uivos de monstros, grasnidos agoirentos vinham, de mistura com o rugir da ventania, casando-se com o éco retumbante dos trovões.

— Você, meu querido, está mais alliviado, não é verdade?

— Estou... Deve ser o começo... Mas, eu já não tenho idade para acreditar na bondade de Papae Noél!... Ninguem ha mais que me soccorra... Como é terrivel este degredo!... Não ha remedio... Não temos medico... Só ha matta, muita matta!... aqui vivemos, dentro da selva, em meio da terra amphibia, entre indios e onças, sem campo e quasi sem sol!... Ah! como é mentirosa a esperança!... Hoje, eu até mesmo duvido que Deus ainda se lembre de mim... Papae Noél!... Quanta luta! E quanto soffrimento!... Eu, a morrer lentamente, cheio d'agua... Você, inchada, atacada de polinevrite, e a nossa filhinha a tremer de sezões. Não! Deus não póde ser arabe... Esta agonia precisa ter um fim.

Depois, virando-se para a filha, exclamou, numa supplica:

— Deus! Senhor dos mundos e das coisas salvae-a, pelo amor da noite em que nasceu vosso filho!

— Calma, meu velho, muita calma! Não ha motivos para blasphemias. Eu sinto que a nossa pequena Ivette está passando melhor.

E como se duvidasse de tudo que havia dito, com os olhos baixos, cheios de angustia, alagados de pranto, inclinou a cabeça no peito do marido, desoprimindo-se, num arfar soluçante. E, alli, convulsa, mais dor do que mulher, olhos doloridos, vertendo torturas intraduziveis, ficou-se presa aos braços de Ambrosio, que a contemplava commovido, solicito, amoroso, torturado ainda mais pela certeza de ver soffrendo esse anjo de meiguice e de bondade. Por fim, como quem deseja certificar-se pela ultima vez, fita o marido demoradamente, para, em seguida, interrogal-o com a vóz embargada:

— Posso ter a certeza de que ella não morre?

— Póde, meu amor... Deus tambem é pae!

*

A fraqueza, a vigilia e o cansaço venceram finalmente. Um somno povoado de sonhos amargurantes dominou os dois. Mas, aquillo foi apenas um cochilo. Genoveva desperta, tremula, assustada, e fita amorosamente a filha. Ivette dorme. Como fora amarga a tortura do seu sonho! Sonhou que uma coruja enorme, de bico adunco, azas negras, grasnando alto, viéra, "rasgar mortalha", bem no beiral da casa. Que angustia ella sentiu! Durante os

minutos que dormiu, assistiu, banhada em pranto, aos ultimos momentos da filha. E, como ficára linda depois de morta! Nisto, Genoveva ouviu que uma "cauhan" gritava prenunciando a desgraça que chegava. Ivette abriu os olhos, e rindo ingenua:

— Mamãe, o papae está melhor?

— Está, minha filha.

— E eu?!

— Você está quasi bôa.

— Papae Noél já trouxe o meu remedio?

— Não, meu amor, porém, não tarda.... Já vem em caminho.

Ivette, estenuada, com os seus oito annos, fechou os olhos e ficou-se arfando, somnolenta. Depois, abrindo as palpebras:

NATAL DE SERINGUEIRO

(Conclusão)

— Não está ouvindo, mamãezinha?.... E' a "cauhan"... Mas, eu não tenho mêdo.... Ella só sabe cantar assim....

E continuou na mesma somnolencia. Uma onça esturra perto, no aceiro da matta. Ivette treme, abre novamente os olhos, fixa-os em Genoveva:

— Mamãe, é a onça pintada.... Ah! si o papaezinho acordasse!.... Eu tenho mêdo da onça... Acorde o papaezinho....

Genoveva enlaça-a nos braços... Beija-a meigamente.... Acalma-a... A "cauhan" volta a cantar novamente. A creança tem um tremor nervoso, e ella, naturalmente, empallidece. Como era horrivel esse canto! A tempestade continua cada vez mais forte.... Chora a noite, geme o vento, soluça a selva!... Só isso traz uma idéa sombria cheia de pavor, que a horroriza toda. Noite de pandemonio!... O canto da "cauhan" prolonga-se numa escala lutoenta de gargalhadas lugubres. Até mesmo a tempestade, no seu furor, acalma mais um pouco quando ella canta.... Tambem tem mêdo.... Ivette torna a abrir os olhos, assustada.

— Não é nada, minha filha... As onças tambem esturram acalentando os seus filhinhos....

Mas, Ivette parece não ouvil-a. Abre ainda mais os olhos, espavorida:

— Mamãe! Mamãe! Olha a "cauhan"!

— Onde, minha filha?

— Pois não a vê! Aqui juntinho, bem juntinho de papae.

E, emquanto a filha aponta, ella pega da lamparina e examina attentamente o marido, que dorme. A creança, num esforço supremo, acompanha-lhe os movimentos. Depois, vencida mais uma vez pela fraqueza, esgotada pela molestia, solta um suspiro debil, quasi um sôpro. E, com os braços cruzados sobre o peitinho, arfando, com o rosto banhado pelo clarão da innocencia, pergunta, num balbucio:

— Papae está mesmo dormindo?.... Assim elle não verá a chegada de Papae Noél.

Genoveva ajoelha-se ao lado do marido, e examina-o a segunda vez. Treme, a lamparina escapa-se-lhe da mão, ergue os braços para o céo, cáe de bruços, reprimindo um grito. E, arfando, em cima do corpo do marido, fica muda, entalada. Ambrosio está calmo, tranquillo, sereno, olhos abertos, bocca risonha, quasi fechada. Como fôra serena a sua morte! Ivette olha novamente para Genoveva, indagando:

— Mamãe, o papae está mesmo dormindo?

— Está, minha filha!.... Teu papaezinho está dormindo o grande somno....

— E, Papae Noél ainda não chegou?

— Não vi, minha filha.... mas, elle andou por aqui.... Andou.... Trouxe o remedio que eu pedi para você e, tambem trouxe o remedio de seu pai.... Elle já o tomou.... Está bom, sem dores nem preoccupações.

E, erguendo os olhos para os céos, exclamou, chorando:

— Papae Noél! Traze-me o remedio com que alliviastes os soffrimentos do meu marido! Dae-me tambem, oh, Deus!, o meu presente de Natal!

(Do livro inedito "Panema")

Festas uteis para NATAL, ANNO BOM e REIS

compra por pouco dinheiro no

PARAISO DAS CRIANÇAS

292 — CAMISOLA DE PERCAL

Elegante modelo, côres variadas, de 1 a 4 annos

1$500

173 — BELLISSIMO CALÇÃO DE LINHO AMERICANO CÔRES FIRMES

1 a 2 annos **7$000**

3 e 4 annos **7$800**

5 e 6 annos **8$500**

01 — CALÇÃO PARA MENINO

em superior percal, côres diversas, de 1 a 4 annos

1$500

183 — Lindo calção de linho americano, grande sortimento de côres

1 e 2 annos **5$600**

3 e 4 annos **6$400**

5 e 6 annos **7$200**

FRANCEZ — Ultimo figurino em roupa a marinheira, de brim branco:

2 e 3 annos	10$000
4 e 5 »	11$000
6 e 7 »	12$000
8 e 9 »	13$500

Gorro 3$500

«FRANCEZ»

308 — Elegantissimo vestido para mocinha, em linho americano

60 e 65 Cmt.	11$700
70 e 75 »	12$600
80 e 85 »	14$000

308

272 — Vestido de linho americano, côres firmes:

40 Cmt. e 45 Cmt.	10$000
50 Cmt. e 55 Cmt.	12$000
60 Cmt. e 65 Cmt.	13$500
70 Cmt. e 75 Cmt.	15$000
80 Cmt. e 85 Cmt.	17$000

322 — Ultimo figurino em vestido a marinheira em brim branco

45 e 50 Cmt.	10$000
55 e 60 »	11$000
65 e 70 »	12$000
75 e 80 »	13$500

Gorro 3$500

PEÇAM CATALOGOS

Enviamos mercadorias para o interior mediante vale postal

134, RUA 7 DE SETEMBRO, 134

O PASSAGEIRO NUMERO 34

(Conto de Natal)

Por JULIO FRANZOZO

DESCEU rapidamente do taxi, logo que este parou deante do luxuoso hotel da avenida.

Depois, como sempre, mãos estranhas e apressadas tomaram conta de sua bagagem, emquanto elle escrevia seu nome no livro dos hospedes. Indicaram-lhe o numero de um aposento. Alguns instantes depois, elle estava commodamente installado no quarto 34.

Tudo aquillo havia durado poucos minutos.

Para aquelle passageiro, ao chegar, todos os aposentos dos hoteis tinham alguma coisa de hostil, de frio, de inhospitaleiro, como si fosse uma mentira o calor de familia com que promettiam recebêl-o. Depois, pouco a pouco, se acostumava aos moveis, testemunhas mudas de quem sabe quantos dramas de outros hospedes que antes haviam estado alli. Então, só então se adaptava e amoldava ao aposento do hotel seu espirito errante, solitario...

— Vamos! Depressa!

— Que ha?

— E' o "34" que está chamando!

— Vou já.

Para os criados do hotel os hospedes não têm nomes. Dão-lhes o numero do aposento que occupam, e dahi em deante deixam de ser pessôas para se transformar em algarismos, em algarismos humanos que chamam nervosamente, que ordenam, que enfastiam, que cansam, porque elles, os pobres hospedes dos hoteis de luxo, tambem trazem na alma muito cansaço... Por isso se impacientam facilmente, porque são hospedes no hotel e na vida...

Mas o numero 34 tinha um nome: Marcos Ramiro...

Terminou de barbear-se e ficou mirando-se longo tempo no espelho. Era elle, sim, Marcos Ramiro, com seus quarenta annos, talvez mais, com o cabello que começava a embranquecer á altura da fronte, com o rosto enrugado, emmurchecido, sob os pós que inutilmente se esforçavam para diminuir-lhe os annos... Mirava-se no espelho como si se desconhecesse, como si fosse outro o homem que, deante delle, estivesse recordando-lhe o passado... Depois fechou os olhos e olhou para traz, procurando o *hontem* em sua memoria e em suas recordações...

Vinte annos atraz, o actual hospede numero "34" chegava ao Rio de Janeiro, só, sem fortuna, disposto a tentar sua conquista, como muitissimos annos antes, e noutras circumstancias, tambem haviam conquistado o Rio de Janeiro outros homens audaciosos e fortes, atrevidos e nobres, que vinham tambem de longe, de onde elle vinha, e falavam seu mesmo idioma.

Com essa illusão desembarcou.

Depois, desde o principio, a fome, o frio, a miseria, todas as desgraças com que o destino pôz á prova sua fortaleza de espirito não fizeram mais do que affirmar aquella primitiva illusão: conquistar o Rio de Janeiro...

E o conseguiu.

Apenas, para chegar a esse fim, quantos sacrificios, quantas angustias! E não havia triumphado em tudo, porque sentimentalmente fôra derrotado, derrotado por si mesmo, por seu absurdo médo de perder uma parte do terreno conquistado com uma experiencia de aventura matrimonial...

— Casar-me? Não...

— Os annos vão passando — diziam-lhe.

— Virão outros... — respondia.

— Arrepender-te-ás...

— Nunca...

Julgava-se forte, então. Tinha orgulho. Estava sempre de pé, em luta constante, febril, lutando incansavel com os numeros, com o dinheiro, e não podia dedicar tempo aos problemas do amôr e do coração...

Ella — Não encontrei no casamento o que procurava.
— *Elle* — E eu não procurava no casamento o que encontrei.

Tudo isso elle recordava agora, um pouco tarde, no aposento numero 34. E toda a vida, por sua culpa, havia sido isso: hontem, um hospede de pensão economica, modesta, e hoje, um hospede numerado, de um hotel de luxo. Mas sempre hospede, sempre errante, só, hontem por médo, hoje por decepção e sem illusões, rico, sim, mas sentimentalmente derrotado por si mesmo.

Assim vivêra Marcos Ramiro, de pensão em pensão, quando era um audaz principiante de conquistador, e agora, triumphador no dinheiro, de hotel em hotel, com um numero nas costas...

Sahiu á rua. Andou...

Viu immediatamente, na alma da cidade, que esta se agitava alegremente na vespera da festa tradicional.

Natal!

As casas commerciaes mostravam suas vitrinas cheias de guloseimas, de artigos para presentes, de brinquedos, de todo um mundo ignorado para elle, o eterno hospede numero "34" de todos os hoteis da vida, o mundo da familia e dos meninos... Pelas proprias ruas, invadidas desde cêdo por uma multidão apressada em fazer suas compras se respirava essa atmosphera especial de alegria, de satisfação de descanso, despedindo-se do anno que se vae...

Natal!

Batia-lhe nos ouvidos a palavra magica, escripta por Deus para toda a humanidade, e os olhos se lhe nublaram de lagrimas ao pensar na frialdade hostil com que o receberia o aposento numero 34 do hotel de luxo, povoada tambem de quem sabe que melancolias e que angustias dos outros hospedes que haviam passado por elle, em outros Nataes anteriores...

Mas era aquella a sua casa. Não tinha outra. Em todos os logares do mundo o esperava a mesma habitação, mais ou menos luxuosa. Só variava o numero. Marcos Ramiro, o conquistador, poude, mas não quiz formar um lar. Parecia-lhe que para levar a feliz termo seus planos, necessitava de ampla liberdade, e, naquella liberdade, unica de liberdades, a vida troçava delle, e o deixava só, entediado, enfermo de melancolia, em uma jaula de oiro, onde lhe serviam mãos frias, estranhas, por obrigação, por dinheiro, emquanto a cidade inteira, como um enorme coração, vibrava alegre, inquieta, na dupla festa do amôr e da amizade...

Noite... Deante de uma pequena mesa, no quarto de um hotel, um homem escreve... De repente abandona o trabalho, se approxima da varanda, e, do alto, olha para baixo, para a avenida, para a terra cheia de automoveis, de gente, de risos e de gritos...

Decorre um momento e...

— O "34"...

— Está chamando?

— Sim...

Uma pausa.

— O "34" pede *champagne*...

— Para elle só?

— Sim...

— Que homem estranho!

— E' um hospede mysterioso o "34"...

REFLEXÕES DO DOMINGO

Por Frank Crane

TODO homem é meu irmão, e deveria ter sorte igual á minha. Não existem, na verdade, seres absolutamente iguaes em força, saúde, intelligencia e caracter; nisto a igualdade é impossivel, e só póde mesmo haver a infinita variedade que caracteriza todas as manifestações da vida. A justiça, porém, não se poderá estabelecer sobre a terra, emquanto não offerecer a cada um a sorte a que elle têm direito.

Cada individuo saberá mais que eu e poderá ensinar-me alguma coisa. Desapreciar um ser humano é uma falta grave, desde que, de qualquer um que seja, posso receber uma lição.

Todo homem é meu proximo. Posso fazer parte de um club, de um partido, de uma familia, e chamar de *irmãos* aos que estão associados assim commigo. Ha, porém, uma vasta communidade á qual pertenço antes de me haver unido a qualquer das outras, e que tem direito, em primeiro logar, á minha lealdade e á minha ajuda. Essa communidade é a raça humana. A cada homem, rico ou pobre, devo offerecer o meu amparo, fazer-lhe justiça e proteger os seus direitos. Todo criminoso póde reclamar a minha piedade. Aqui não existem nem estrangeiros nem inimigos.

Novidades da Europa

FON - FON inicia hoje mais uma secção, creada pelo seu serviço especial em Paris, a cargo do escriptor e jornalista Bricio de Abreu, e organizado pelo seu redactor-chefe dr. Gustavo Barroso, quando da sua recente viagem ao Velho Mundo. Aqui, o leitor curioso terá uma excellente fonte de cultura, não só ficando ao par de tudo quanto se passa nos circulos litterarios e scientificos da Europa, mas tambem dos seus mais recentes successos de livraria.

LIVROS QUE ACABAM DE APPARECER

«Stendhal raconté par ceux qui l'ont vu», documentos colhidos por P. Jourd. (Stock, editor).
— «Huttes à la lisière», de Luc Durtain.
— «Au pas lent des caravanes», de Ferdinand Duchêne. (Albin Michel, editor).
— «Shahra sultane et la mer», de Claude Farrère, (grande successo) — Ernest Flammarion, editor).
— «La Nouvelle Eurydice», de Yourcenar. (Bernard Grasset, editor).
— «Le cœur reclame», de H. A. Dourba. (Plon, editor).
— «Les gardiens de la flamme», de W. B. Maxwell. (Plon, editor).
— «L'Eau profond» (successo), de Paul Bourget.
— «Le tisseur du temps», de Paul Vimereu. (Louis Querelle, editor).
— «Passeur d'Hommes», por Martial Lekeux. (Saint-Michel edições).
— «Le Puits de la Coré», de Louis et René Garriet. (Denoel et Stelle, editores).
— «Biographie de Diderot», de André Billy. (Editions de France).

As grandes edições N. R. F. Esta casa, uma das mais importantes de Paris, lançará na presente estação 11 livros:

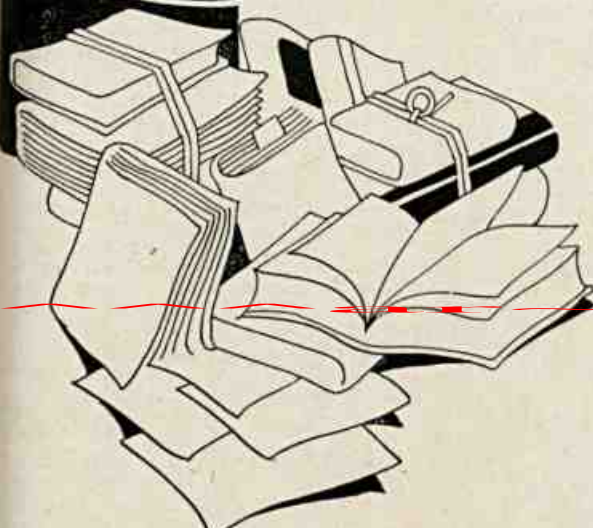
— «La mére», de Marc Bernard.
— «Le dernier feu», de Mme. Maria Borély.
— «Le grand troupeau», de Jean Giono.
— «Vagadu», de Pierre Jean Joune.
— «L'Extravagante punie», de Pierre Lelièvre.
— «Heureux ceux qui ont faim», de Maurice Martin.
— «Un royaume prés de a mer», de Guy Mazaline.
— «Cavernes», de Jacques Méry,
— «Saint-Saturnin», de Jean Schlumberger.
— «Le septième jour», de René Trintzius.
— «Les Metamorphoses», de Pierre Very.

— «Le crime de la 5.e avenue», de René Lêcuyer. (Tailandier, editor).
— «Hans le fossoyeur», de Pierre Descavese Etienne Gril. (Edições de França).
— «Bob Bantam», de P. Rosenhayn. (Edição Masque).
— «Relique», de Raoul Racinet. (Edição Provinciale).
— «Petite et Nadie», de Mme. Paule Regnier. (Plon, editor).
— «Fin de Chevauchée», de André Sécheret. (Edições Les etincelles).
— «Cent ans de Marine de Guerre», por L. Haffuer. (Payot, editor).
— «Faisons le point», de H. Kerellis e R. Cartier. (B. Grasset, editores).
— «Un homme de l'an Mille», de M. J. Rumilly. (Figuère, editor).
— «Problèmes d'aujourd'hui», de Jules Romarirs. (Grande êxito) — (Kra, editor).
— «Les forces d'amour», de Georges Lacomte. (Flammarion, editor).
— «Les demons de l'aube», de S. Marchon. (Grasset, editor).
— «Un dieu sur la terre», de A. Somés. (E. Figuère, editor).
— «Igor Youriewitch», de Ch. Varney. (Edições Argo).

UM escriptor tem o direito de se utilizar de um titulo já utilizado por outro, em um outro dominio da actividade litteraria? — O sr. Léon Frapié, romancista de exito, autor de "*La maternelle*, vem de escolher para uma nova peça theatral o titulo: "*L'Homme en Amour*". Henri Liebrecht, hoje considerado um dos melhores autores belgas, secretario geral da Sociedade de Autores Dramaticos Belgas, protesta contra tal titulo, allegando ser o mesmo de um romance, já publicado, de Camille Remonier. Léon Frapie expõe, no "Comœdia", as razões pelas quaes um autor pode tomar um titulo já utilizado por outro. "Os titulos de obras — diz elle — em varios dominios litterarios, contam-se por centenas de milhões e como, d'outra parte, as vicissitudes humanas são sempre as mesmas, hora chegará, como já chegou, em que não se poderá dar titulo a uma obra sem repetir um outro já utilizado. E' preciso, portanto, admittir uma possibilidade de repetição no caso em que nenhum mal exista para o titulo já publicado. Especialmente quando a 2ª obra não pertence ao mesmo genero litterario da primeira e em nada a ella se pareça. E' o caso do "L'Homme en amour". O romance de Lamonier, do qual nada tirei, conserva o beneficio da anterioridade e não corre o perigo de ser offuscado porque usei o seu titulo em uma peça. E o que poderá disso resultar? Que a lembrança se reavive em favor da 1.ª obra, em nossa época, em que os escriptores e as obras têm tanta necessidade de ser lembrados ao publico". Liebrecht não se conforma com a explicação do usurpador e, em nome dos escriptores belgas, intentará um processo contra Frapié. Quem estará com a razão? A quem a justiça franceza dará a palma? Veremos.

Marcel Sauvage acaba de obter grande exito com *Voyages et aventures de Josephine Baker*. Fernand Divoire, o poeta do "Ames" e "Orphée", é quem apresenta o livro ao publico. "Que é esse livro? pergunta. Uma dansarina vista por um poeta. Dizem que os poetas têm dom especial para comprehender as dansarinas e para se enthusiasmar deante dellas. Assim foi Theophile Gautier com a Fanny Elssler. Cada dansarina encontrou o seu poeta. Josephine encontrou o seu, Marcel Sauvage, que é um dos poucos e bons que temos."

Como escrever Dostoievski? — Na "Nouvelles littéraires", André Thérive observa "que

Literarias

Muita gente ignora que Bernard Shaw compoz, na sua juventude, varias canções, lettra e musica. Duas dellas foram postas agora em leilão, em Londres, sendo adquiridas por um *commerciante* (!) por 1.100 francos cada.

Henri Bergson, o famoso philosopho que representava a Academia Franceza no conselho superior da Instrucção Publica de França, depoz, na secção passada, na mesa da mesma Academia, o seu pedido de demissão de tal cargo, por motivos de saúde, o que foi acceito. Esse cargo é remunerado com 55.000 francos (mais de 50 contos!) por anno!

em certos livros recentes, o famoso escriptor russo, ora éra *Fédor*, ora *Fiodor*, mas que ninguem se arriscou a traduzil-o por Theodoro (traducção russa de Fédor) — por haver Courteline ridiculizado de sobra esse nome. Algumas vezes, diz elle, escrevem *Dostoieiewsku* ou *Dostoivsky*, algumas outras Dostojesvski, ou Dostoyesvsky. Existem 9 combinações sobre dez, mas a verdade é que elle se chamava *Fedor Dostoewski!*

As "Nouvelles litteraires" dão esta semana uma primeira lista dos "provaveis" do famoso premio "Goncourt" e, entre elles, está Alin Laubraux, escriptor de immenso exito o anno passado. Os jornaes ridiculizam essa lista, allegando que é bem provavel que o joven escriptor seja premiado, pois esse anno só publicou um livro sobre gastronomia — "L'amateur de cuisine" e, como os 10 membros da academia Goncourt se reunem em torno de um jantar para decidir do premio, é bem provavel que seja elle o laureado!

Si a libra baixou, em compensação os livros augmentaram em edições na Inglaterra. Na ultima semana, foram publicados 200 livros novos e, em um só dia, appareceram 80 volumes em Londres!...

O grande marechal da côrte belga enviou á viuva de Hall Caine, o grande escriptor inglez recentemente fallecido, a seguinte carta, em nome do Rei Alberto: — "Par ordre du Roi, j'ai l'honneur de vous informer que Sa majesté, sachant les sentiments de sympathie qui unissaient sir Hall caine à la Belgique, deire vous temoigner sa s i n c e r e sympathie dans le profond chagrin que vous cause ce grand deuil.

O jornal litterario inglez "John O'London's Weekly" annuncia que o corpo de Vicente Blasco Ibañez, actualmente enterrado em Menton, vae ser transportado a Valencia, onde será inhumado. O grande escriptor hespanhol m o r r e u no exilio devido ás suas idéas anti-monarchicas.

LIVROS QUE ACABAM DE APPARECER

— «De la Patrie et du patriotisme ou constitution et evolution des sociétés», de Paul Miquel. (Grande successo. — E. Figuére, editor).
— «L'Inde enchainée», de J. T. Sunderland. (Edição da Presse Universitaire de France).
— «Tableau de la poésie Française d'Aujourd'hui», de André Fontainas. (Edição da «Nouvelle Revue Critique»).
— «Les Amours de Lauzun», de André de Fouquières (grande êxito. Flammarion, editor).
— «L'esprit d'Henri Duvernois», por Leon Freich. N. R. F., editores).
— «Le nœud coulant», de R. Mac Donald. (Galinard, editor).
— «L'argent dans la poche», de Richard Lewins Ohn. (N. R. F., editor).
— «Claire», de Jacques Chardonne. (Grasset, editor).
— «Anabase», de Xenophon, trad. de Mosqueray (edição da Socied. Belles Lettres).
— «Ceux de la Trappe», de Berney. (Flammarion, editor).
— «Physique», de Aristóteles. (Traduc. de Henri Carteron, idem).
— «Tusculanes», de Ciceron. (Trad. de Humbert, idem).
— «Delphin l'anchanteur», de L. e R. Gerriet. (Denoel et Steele, editores).
— «Les queules cassées», de M. Mercier. (Eug. Figuière, editor).
— «Charles 1er, empereur d'Autriche, roi de Hongrie», de Jerome Troud. (Plon, editor).
— «Carthage», de Meabille. (Flammarion, editor).
— «Ravachol et cie», de P. Bouchardon. (Hachette, editor).
— «L'homme moderne», de Fortunat Strowski. (Grasset, editor).
— «Pierre Laval». (Les documents secrets), de Maurice Privat.
— «Riniét dans la Jungle», de J. J. Neuville. (Lemerre, editor).
— «Autour de Baudelaire», de Pierre Dufay. (Au gabinet au livre editeur).
— «Les Guerriêres», do Coronel Romain. (Ed. Berger Levrault).
— «La rose de feu», de J. Villier. (Terenczi et fêls ed.).
— «Le Septiême sens: l'Aisthêsis», do Dr. Paul Le cour. (Edição Atlantis).
— «Borcher, l'ermite du gratte-ciel». (Nouvelle Société d'Edition).
— «La vie de Mickiewicz», por Marie Czapska. (Plon, editor).
— «Nous marchons sur la mer», de Jean Prevost. (N. R. F., editor).
— «Journal de La Comtesse León Tolstoi» (2.° volume 1891-1897). Trad. de Pernott. (Plon, editor — Enorme successo).
— «Les derniers jours du Régime Imperial, de Alexandre Block. (N. R. F., editores).
— «Mon journal de Siberie», por Edwin Erich Dwinger. (Payot, editor).
— «Le Bataillonnaire», de M. Pierre Mac Orlan. (Albin Michel, editor — grande êxito).
— «Les derniers jours des Romanoff», por Bikov. (Payot, editor).

NOTAS DE ARTE

De OSCAR D'ALVA

ANDRADE MURICY. — Em a noite de 16 de dezembro effectuou-se no Studio Nicolas a conferencia do dr. Andrade Muricy sobre o thema — A musica brasileira moderna, ultima da serie promovida pela Associação Brasileira de Musica.

O conferente versou o assumpto como quem possue conhecimentos não só estheticos mas tambem technicos da arte musical, patenteando ter estudado com especial carinho as obras de que tratou. De sorte que, para approvar ou não os juizos que emittio sobre cada uma dellas, fôra preciso o chronista conhecê-las todas. Não sendo assim, como é o nosso caso, o commentario se tem de limitar ás producções já ouvidas anteriormente, ou que se ouviram no acto da conferencia. Dentro desse limite, a impressão que nos deu o conferente foi o de critico autorizado e sympathico ao movimento chamado modernista, representado entre nós especialmente por Luciano Gallet, Lorenzo Fernandez e Villa Lobos. Dizendo desses autores, illustrou o commentario com algumas «producções» de incontestavel belleza, como *Nhô-Chico*, de Luciano Gallet, executado pela joven pianista srta. Sylvia Marques, e *Toada p'ra Você* de Lorenzo Fernandez, e *Canção do carreiro*, de Villa Lobos, interpretadas por Adali Filho, acompanhado ao piano pela srta. Angelita Corrêa.

Caracterizando-lhes a brasilidade da inspiração, procurou mostrar o palestrista como nos motivos nacionaes encontra o poeta do som inesgotavel e facundo veio para crear a verdadeira musica brasileira. Embora nos parecesse até certo ponto contradictorio com a formação de outros conceitos, Andrade Muricy, citando Falla e outros autores, soube defender a bôa doutrina, quando sustentou que a musica nacional não é a simples transcripção do *folk-lore*, nem mesmo a estylização do que ha de extenso, de pittoresco nos motivos populares, mas a idealização desses motivos, reflectindo a vida interior do artista. Tem sido sempre essa a nossa opinião, quando em varias chroniquetas costumamos affirmar que a musica brasileira, a musica da civilização brasileira, é a musica occidental modificada pela influencia dos elementos secundarios do negro e do indio, e não a simples reproducção dos motivos creados por essas populações fetichistas. Mesmo quando estylizadas, muitas não passam de musica popular, musica plebéa; uma fase inferior da musica brasileira. Assim como a nossa lingua — e as linguas são obras de arte — não é a de africanos nem de indios, mas o portuguez, lingua occidental, modificada por aquelles mesmos elementos, a nossa arte, verbal, sonora ou «plastica», tem de ser arte occidental, arte de civilizados, que reúnem toda a evolução humana e não simplesmente arte de negros e de indios, que apenas representam os primordios fetichistas da civilização. Para nós, e parece que tambem para o conferencista, apesar da assignalada contradição, a musica brasileira é a do artista que assimilou motivos populares do Brasil, oriundos especialmente do africano e do indio, devidamente caldeados, e os idealizou através do seu temperamento de poeta nascido e educado na civilização occidental, recebida através da raça portugueza. A *Toada p'ra Você* já é um exemplo dessa arte. O autor não se limitou a copiar com mais ou menos estylo o canto bruto da alma africana ou indiana plebéa, mas assimilando a sentimentalidade fetichica das duas raças modificada pela que resulta dos antecedentes lusos, creou, graças a seu temperamento de artista occidental, um poemeto altamente emotivo, onde a brasilidade surde na volupia langorosa do desejo, depurada pela mais delicada ternura. O mesmo se não dá com a *Canção do Carreiro*, que é quase a transcripção integral do canto bruto do plébeu filho do sertão. E' realmente brasileira, mas puramente plebéa, apesar da sua estylização. Comprehendemos se applauda, applauda o homem da sociedade, o motivo popular assimilado pela intelligencia do musicista que lhe dê o cunho da grande arte e faça com elle uma composição brasileira; mas, não comprehendemos que a nossa sensibilidade, familiarizada com as grandes criações da musica occidental, se sinta verdadeiramente emocionada com o cassange musical das populações incultas... O que não quer dizer que, em certas condições de lugar e de tempo, não se preferia ouvir nossa canção popular a um nocturno de Chopin, ou a uma sonata de Beethoven...

Seja como for, o que é de louvar sem restricções é a sinceridade e o saber patenteados pelo conferente, e a belleza com que foram interpretadas as peças que illustraram a conferencia. Gratos a A. B. M. por nos ter proporcionado o gozo espiritual da brilhante e erudita palestra de Andrade Muricy, das melhores que, no genero, temos ouvido.

Por Martins Capistrano

FUI encontrar meu velho amigo Edmundo Beltrão sentado na varanda pittoresca de sua elegante vivenda de Copacabana. Olhava o mar, nostalgicamente, e tinha uma expressão dolorosa no semblante. Fazia um frio aggressivo de fim de junho, e ainda havia signaes molhados da chuva da vespera.

As ondas iam e vinham, monótonas, iguaes, como um symbolo inquieto da vida. Iam e vinham, acariciadas pelos olhos melancolicos de Edmundo.

Eu cheguei ao portão da vivenda, atravessei o jardim sem flôres e fui até a varanda onde o meu amigo meditava na serenidade da tarde sem sol. Cumprimentei-o. Elle não respondeu. Dir-se-ia que dormia com os olhos abertos. E si não fosse a sua posição, e a sua attitude sonhadora, eu acreditaria que estivesse mesmo dormindo. Ha tanto caso assim.... Mas Edmundo estava bem acordado, e apenas dominado por alguma idéa que lhe tomasse conta do espirito. Pensava, talvez, nalguma coisa de grande importancia para o seu destino.

Tive receio de perturbar o seu sonho de artista. Sentei-me a seu lado, numa cadeira verde como as trepadeiras que cahiam sobre o balcão romantico onde nos encontravamos.

Foi só então que Edmundo notou a minha presença ali. Levantou-se e veiu abraçar-me, desculpando-se pela sua *falta de educação* — frisou.

— Você estava abstracto e contemplativo — comecei dizendo. — Olhava o mar e, com certeza, não via mais nada. Devia sonhar um lindo sonho. Devia estar pensando numa linda mulher...

— E é verdade, meu amigo — respondeu-me. — Eu não via nem o mar. Não via nada material. Meus olhos, abertos deante desta pobre tarde sem alegria e sem belleza, vislumbravam, apenas, no horizonte embuçado na bruma, no lençol ondeante das aguas, na espuma branca que se desfaz na areia beijando a praia deserta — vislumbravam, apenas, a sombra que alterou o curso do meu destino...

Fiquei alarmado ao ouvir essas palavras, cujo sentido não comprehendi. Alarmado e triste. Edmundo parecia não estar muito bem equilibrado. Tinha os olhos abertos, e não via. Falava, e não dizia nada. Pelo menos, nada que eu entendesse. E, já desconfiado, prevenido, só me atrevi a interrogal-o, timidamente, como um garoto que quizesse, de um desconhecido, a explicação de alguma coisa:

— A sombra?...

Edmundo soltou uma gargalhada, que qualquer psychiatra definiria como o *riso nervoso do apaixonado*, bateu-me violentamente no hombro e, franzindo a testa, respondeu:

— Sim, a sombra... A sombra que me segue na vida ao lado da minha propria sombra...

Cruzou os braços, balançou a cabeça, num gesto displicente e desdenhoso, e, depois de uma pausa de meio minuto, proseguiu:

— E' muito engraçado isso, não é? Uma sombra mudando a face de um destino! Uma sombra atormentando uma vida! Uma simples sombra! Você não acredita? Pois foi essa sombra que me fez assim. Escute: não me vá tomar por maluco. Felizmente, ainda estou com o meu juizo perfeito. Si você me encontrou abstracto, meditativo, desolado, foi um pouco a influencia da tarde fria e nevoenta... Mas, por favor, meu bom amigo, não duvide da minha razão!

Edmundo Beltrão puxou a cadeira de vime pintado para junto de mim, offereceu-me um dos seus cigarros perfumados, accendeu outro, e, confidencialmente, sussurrou-me:

— Eu lhe conto a historia dessa sombra que você não comprehende. Uma historia amarga como todas as historias da vida. Eu sou, desgraçadamente, aquelle romantico desilludido que você conhece. Por isso, vivo sozinho. Sozinho e angustiado. Ninguem me procura, além de dois ou trez amigos que, como você, ainda se lembram que existo. Ninguem me consola. Ninguem me ama! Entretanto, ha uma mulher que me segue os passos, á distancia, sem que eu saiba quem seja. Uma mulher differente de todas as outras mulheres que eu conheço. Estranha. Mysteriosa. Fascinante na sua graça invisivel. Telephonou-me uma vez. Esquivei-me. Ella insistiu. Eu não quiz ser indelicado. Tratei-a como um cavalheiro deve tratar uma dama, ainda que esta não passe de uma desconhecida, para elle. Uma desconhecida que elle nem vê. Mas a sua vóz era tão doce, e eram tão simples as suas palavras, que não resisti a esse encanto espiritual, e acabei... acabei apaixonado. Ella prometteu-me tirar a mascara, mas depois que eu lhe confessasse uma verdade da qual dependeria a sua attitude: queria que lhe dissesse si meu futuro era livre. Confessei-lhe, com a minha franqueza ingenita, que não. A vóz entristeceu ainda mais, e ainda mais distante e mysteriosa se tornou. Seu desalento augmentou o meu desejo de descobril-a. Mas como é possivel a um homem descobrir uma mulher que se occulta? Fiz tudo para commovel-a e apparecer-me sem o dominó do seu carnaval. Foi inutil. Ella continuou, mysteriosamente, na sombra. Comprazia-se em sorrir da minha ingenuidade em querer conhecêl-a. Cheguei a ser quasi ridiculo nas minhas amabilidades para com essa desconhecida, que eu não sabia si era bonita ou si era feia, si tinha vinte annos ou já passára dos cincoenta... O coração, porém, não queria obedecer á razão. O coração ou a sensibilidade. Não sei bem... O certo é que fiquei como estou: fóra de mim, obsecado, inquieto.

"Hontem, uma semana depois de seu ultimo telephonema, recebi, pelo correio, um cartão que dizia, laconicamente: "Os agradecimentos e a grande admiração de quem, no seu destino, não póde ser mais do que uma Sombra." Era della. Da minha doce, da minha adorada desconhecida. Da vóz que me perseguia. Mandei um graphologo definir a sua letra. Resultado: Dissimulada. Dominio absoluto sobre o coração.

"Fiquei satisfeito e fiquei triste. Procurei esquecêl-a. Mas a sua figura immaterial vive, como uma sombra, a dançar-me, risonhamente, harmoniosmente, deante dos olhos acostumados ao espectaculo banal do amor..."

Luar de Natal

Por Mario Poppe

HA muito?!

— Ha muito...

— Desde quando?!

— Desde que nos vimos pela primeira vez.

— Foi então ha quinze dias, no cinema!

— Enganas-te.

— Como?!

— Vae para além de cinco annos.

— Não é possivel!

— Tenho bem viva a lembrança...

— Onde?!

— No hotel...

— Não sei...

— Em São Paulo.

— De facto, lá estive, ha cinco annos, mas...

— Não te recordas de ter-me visto?

— Sinceramente, não!

— Pois eu guardei, na menina dos meus olhos, toda a fascinação da tua belleza. A minha grande tortura foi...

— Prohibo-te que continúes!

— Não posso?!...

— Não deves. Um sonho máo que passou... Eu era uma creança, inexperiente, ignorante do mundo, da vida. Vivia a minha grande tragédia.

— A tua...

— ... minha tragédia.

— Eu te suppunha feliz!

— Que loucura!

— Como assim?!

— Um banditismo, uma infamia, infamia! Porém, sómente ha quinze dias eu te vi pela primeira vez! Ao lado de uma mulher bella...

— Uma companheira do acaso.

— Oh! Por que então...

— Procuro-te?!...

— Sim!

— Porque desejo ser feliz.

— Ou queres ser desgraçado?!...

— Ha muito que o sou, desde quando te vi pela primeira vez, ao lado de um homem.

— Prohibo-te... Não quero recordar a minha grande tragédia.

— Teu marido...

— Não, nunca!

— Teu companheiro...

— Não, não! Meu algóz!

— Teu...

— Perdôa-me. Devemos retroceder. Eu, pela minha estrada coberta de espinhos, tu para o céo aberto, para os braços da esposa.

— Illusão!...

— Justamente o que não quero é ser illudida.

— Vivo só, torturado, procurando-te, almejando-te, mas, a sombra...

— Sombra?!

— Aquelle homem...

— Que pensas?!

— Que posso pensar?!

— Nada.

— Nada?!

— Vaes viver commigo a minha grande tragédia... Queres?!

— Si quero?!

— Sim.

— Mas...

— Tinha quinze annos quando meu pae me annunciou ter contractado a minha venda.

— Como?!

— Coisa simples. Eu havia deslumbrado, despertado a cubiça de um homem qualquer, que não conhecia, que nunca havia visto, como tu...

— O simile, porém...

— Um homem rico, muito rico, que podia comprar tudo com o seu oiro. Fui negociada, vendida, mercadejada.

— Oh!

— Mercadejada, sim, pelo meu pae! A ignominia devia ser realizada pela fórma usual na sociedade que se diz civilizada, pelo casamento. Era uma coisa, fragil, pequenina, sem vontade. Não podia ter vontade, devia obedecer, cumprir ordens. Os dias se passaram e certa vez a nossa casa encheu-se de uma multidão de amigos, para a ceremonia da entrega... Minha mãe vestiu-me de branco... um vestido lindo! Elle... elle chegou, muito alegre, com um brilho feróz no olhar. Cupidez, nada mais, cupidez! Conduziu-me pelas mãos até um altar. Depois para a estação; o comboio arrancou, sobre os trilhos; S. Paulo, o hotel! Obedecia, machinalmente, obedecia... Entretanto, quando me vi entre as quatro paredes de um quarto, com o homem que me havia comprado, senti crescer em mim uma força até então desconhecida. A fragil, a pequenina coisa adquirida pelo homem agigantou-se, movida por uma repulsa instinctiva. De nada valeram palavras brandas de carinho... Muito menos, ameaças, tremendas! Inutil, sim, tudo inutil. Debati-me horas seguidas, invencivel. Raiou a madrugada, a luz forte de um dia de verão. A' hora do almoço, fui para a mesa. Ao jantar, a mesma scena. Quando veiu a noite, tranquei-me, só, no quarto. Elle, não sei onde dormiu; eu não dormi, nem mesmo vencida pela fadiga daquella tremenda luta. Quatro ou cinco dias assim, até que elle, medonho na sua cólera, me apontou o revolver. Rasguei o vestido e offereci o peito ás balas. Preferia morrer, preferia morrer! Fechei os olhos. Ouvi um tiro. Tive a impressão da morte, nitida, consoladora... O ruido cavo, de desmoronamento... Recuperei os sentidos! Olhei! Elle! Elle! Deitado de braços, no chão! Sangue! Depois, quando dei accordo de mim, estava no leito de um hospital, com a cabeça envolta em compressas frias, por causa da febre! O resto...

— Heloisa! Heloisa!

— Espera...

O BOI

CONJECTURO, nesta abstracção, de dar vida e gloria ás coisas mortas ou infimas, que ha um pensamento nos teus olhos parados, uma adivinhação no perpetuo deslumbramento das tuas pupillas em extase, boi amigo e resignado!

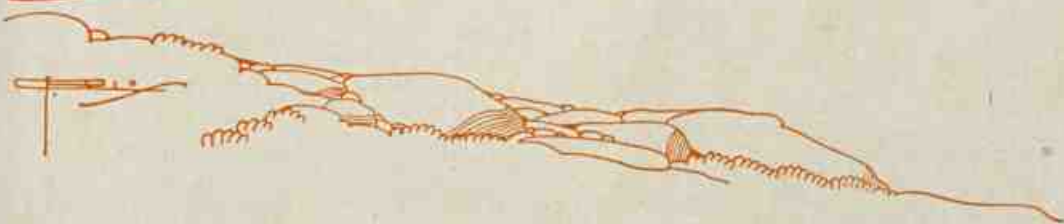
Escutas o som bucolico da cornamusa com que os camponios apascentam as ovelhas mansas, vês borbotar das guampas a agua pura das ribeiras, para dessedentar os zagaes em pastoreio, buzina e amphora feitas dos teus chifres, com que offereces o embalo da musica e o frescor das fontes, e não comprehendes, por certo, que a tua cornadura, sendo harmonia e refrigerio, depois, espetada nos pomares, entre as sementeiras, seja assombração, aceno presago, marco agoirento, para as aves esfaimadas! Ou talvez imagines que a passarada, num fremito de medo, foge assustada dos teus chavelhos porque, a horas mortas, no mysterio da treva, os boitatás se accendem e lucilam sobre elles quando, pelo silencio da noite, ficas a scismar que o reflexo da lua minguante, dentro das aguas paradas, é a sombra oscillante dos teus chifres incendidos!

A tua apparencia é de quem recorda sempre, de quem acompanha uma lembrança que foge, de quem segue uma sombra que se apaga nos longes do deserto, uma vela no mar, esmaecida, como um sonho, nos horizontes, mas guardas na tranquilla memória dos teus olhos, de côr, os volteios das estradas, as curvas das veredas, as trilhas da matta, a subida sinuosa da serrania... E no caminho, teu carro vae chiando... O eixo rilha, a roda relincha, o cangalho ringe na chavelha e, ruminando, docil e paciente, o remoalho, acreditas que esse rumor chiante, esse ruido rilhante, são as notas de prata, lyricas, esticadas, da garganta das cigarras, e que o eixo, a roda, a entronca, o tamoeiro, tudo reverdeceu em galho e em folhagem, e que vaes carregando, no teu carro, a musica de todas as cigarras da terra!

Na moenda, és como um fiandeiro atordoado. Volteias, tardo, marralhão, enroscando, como um fuso, a panadura; rodas, giras, e entontecido da constancia do rodeio, certo pensarás na cabeça bamba, estonteada, que, assim, sempre a girar, estás, como um tecelão somnolento, enrolando, em um novelo, o caminho!

EDUARDO CARMILO

Entre o amor e a razão

Por Bastos Portella

UM thema excellente para um inquerito ou uma conferencia: Que vale mais: ser infeliz no amor, transgredindo as convenções sociaes, ou renunciar a este, e ser desgraçado, sem a menor transgressão?

Creio que não se póde dogmatizar sobre o assumpto.

A idéa do amor varia de individuo para individuo — segundo a mentalidade e o temperamento de cada um.

Não é sem razão que Henri Bataille observa: "L'amour. Pour les uns, c'est l'effusion toute pure de la lumiére. Pour les autres, la mansuétude obscure de l'ombre".

Eu o encaro como Remy de Gourmont: "il a tous les droits précisement parce qu'il est un instinct." E si é um instincto, ou antes, uma funcção psycho - phisiologica, funcção tanto da alma como do corpo, é claro que tem razão o que rompe os freios moraes, para se sacrificar por elle, e tem razão o que a elle renuncia, para não infringir as leis dos preconceitos sociaes. Ha tanta virtude no gesto de um, como no do outro.

A graphologia nos ensina, por exemplo, que a letra desenhada em sentido vertical, define os cerebraes, isto é, as criaturas rigidas, severas, escravas da propria educação, e capazes de controlar todos os seus actos; ao passo que a graphia deitada revela os temperamentos emotivos, os sentimentaes, isto é, as pessôas que ágem levadas pelo coração.

E' logico. E' racional. A letra em posição vertical está indicando o equilibrio mental a segurança do tino e da acção; a que se inclina demonstra a ausencia desse perfeito equilibrio.

Perguntamos: quem tem razão? O cerebral, ou o emotivo? Ambos, certamente. De quem o merito? Da natureza. A esta é que devemos louvar pela sabedoria com que sabe fazer e dispor as coisas.

Nós, pobres sêres frágeis, nada podemos em face do determinismo das leis naturaes.

Um individuo não é equilibrado porque o deseje ser. Si assim fosse, é claro que os hospicios e sanatorios não estariam cheios. Do mesmo modo, uma pessôa não é emotiva porque assim o delibére.

E' possivel, até certo, forçar um ser humano a não beber ou comer; mas não ha força que o impeça de chorar ou gemer!

"Querer é poder", é o que diz o axioma. Mas ha muito desejo, muita energia e fraqueza, dentro da alma humana, deante das quaes a nossa vontade é impotente.

Ira Wile, um dos nomes mais illustres da sciencia moderna, norte-americana, observa que "é inteiramente impossivel formar um juizo moral sobre o modo de respiração ou da actividade de qualquer outra parte essencial do systema humano".

E, de resto, depois de Freud, explicada e acceita a theoria da *libido*, é uma estupidez alarmante submetter o amor a leis moraes de intransigente rigor, codifical-o e dar-lhe uma classificação, como se faz com os varios typos de sêda e perfumes, para o effeito dos impostos aduaneiros.

Eis porque tanto dou a minha sympathia ao que vence, no amor, — segundo Napoleão — com uma bôa retirada, como ao que se mata, como Ophelia, ou dá, por elle, a sua alma ao diabo, como o *Fausto* de Goethe.

Declaração de Amor

BERILO NEVES

"Minha amiga:

Ha muito tempo que venho estrangulando, na garganta, a phrase (a linda phrase!) com que desejava declarar-lhe o meu amôr, mas sempre me metteram mêdo as declarações (a começar pelas do impôsto sobre a renda) que para nada servem uma vez que a mulher que não presente o amôr no olhar e na attitude do seu namorado, ou não é mulher ou está soffrendo da vista...

Mas não era essa — acredite — a unica razão que me impedia o declarar-me. Havia outros motivos, que ainda persistem e de que logo lhe dou conta. Eu sei que V. me quer bem e desconfio muito de que não lhe queira mal... Esse estado de coisas entre nós duraria eternamente (e deixe lá que assim bem poderiamos ser felizes!) si a Sociedade, essa velha tia rabugenta, não exigisse de nós os pontos nos ii ou seja, a nossa assignatura no papel do Estado. A Sociedade não permitte nem o amôr platonico, que não quer nada, nem o amôr sovietico, que exige tudo.... Para ella só existe o *amôr domestico*, essa fórma chronométrica do amôr, esse amôr com hora certa para dormir e hora certa para acordar...

Nós vinhamos sorrindo, lindamente, um para o outro. Diziamo-nos, mutuamente, coisas amaveis; promettia-nos, um ao outro, o céo e a terra; chegámos, mesmo (creio eu) á barbaridade de fazer versos em decassylabos, versos que os nossos avós chamavam, pomposamente, de estylo heroico.

Até ahi nada de mais nem de menos. Veiu, porem, a Familia — essa especie de fiscal do imposto de consumo dos prazeres humanos, e exigiu que regulássemos a nossa situação, isto é, que nos fizessemos marido e mulher, como toda a gente, ou acabassemos, para sempre, com o nosso sonho de amôr.

E' por isso que aqui estou a fazer-lhe esta declaração, que é, ao mesmo tempo, uma despedida e um ponto final.

Acredite: si tivesse algum motivo para lhe ter odio, a minha primeira providencia seria... casar com V. Dentro de alguns mezes (tenho a certeza disso) teria perdido a impressão da sua belleza, da sua graça, da sua maneira (tão distincta) de ser mulher e de ser môça... V. não se alindaria mais senão quando fôsse para a rua, ao contrario das mulheres turcas, que na rua (pelo menos assim era antes de Kemal Pachá!) occultam o rosto com um véo, e só em casa se alindam e requebram...

Depois de casada, V. bocejaria á mesa, como quem espera um convidado que está custando muito; passaria longas horas cheia de tedio, olhando a rua como se olhasse o Destino e a Vida; gostaria de ser cortejada pelos meus amigos para que se mantivesse sempre accêso o fogo do meu ciume, e sempre viva a luz do meu affecto; teria amiguinhas detestaveis com quem cochicharia, horas e horas, no seu *boudoir* côr de rosa e de illusão; e acabaria por me apparecer, uma ou outra manhã, antes das abluções matinaes, cuja ausencia faz tanto damno á belleza e ao sonho... V. acharia de bom aviso dizer-me (sempre levada pelo ruim instincto da vaidade) que outros homens a tinham achado maravilhosa e não hesitaria, mesmo, em dansar com algum almofadinha desmiolado para sentir uma impressão nova na sua vida de *madame*...

V. não me faria mais nenhuma dessas surprêsas deliciosas, que fazem o encanto, e a razão de ser, da vida dos namorados. Contar-me-ia, ao invés disso, os seus achaques intimos, as tradições de arthritismo de sua familia, quando estivesse grippada assoar-se-ia deante de mim (suprema ignominia!) e acabaria — quem sabe? — mostrando, orgulhosa, como um Vasco da Gama de novo estylo, o promontorio tormentôso de um calo sêcco...

São essas as calamidades minimas que me aguardariam si eu incorrêsse no feio peccado de ser seu marido — minha linda, minha encantadora amiga!

Não é porque V. seja má, ou não lhe assistam qualidades bastantes de intelligencia, de bom gosto, de cultura, de sensibilidade, sem as quaes não nos differençamos do cachorro que protege o formoso jardim da sua casa, ou do gato que está ronronando, a esta hora, nas finas almofadas da sua sala de visitas: isso é da vida, é dos livros, é do manual de ser espôsa...: E eu prefiro acabar tudo (tudo, veja bem!) para não ter o desgosto e o infortunio de chamal-a "Minha Mulher", a V., tão linda, tão graciosa, tão subtil, tão digna de melhor sorte...

Beija-lhe as mãos, com desespero, o seu ex-namorado — JOÃO DE ALBERGARIA"

Dor Transcendental

Harmonias somnambulas do mundo,
Tôrvo silencio audivel das esferas,
Sufocando soluços de outras éras,
Em plúmbeas vozes de esplendor profundo.

Surdo clamor universal, oriundo
De temporais, de abismos, de crateras,
Rolando na amplidão sombras austeras,
Num grande e vago anseio moribundo.

Drama de incognoscivel ressonancia!
Será Deus que me fala, das Origens,
Deixando, assim, tão múrmura a distancia?

Não é Deus. E' o meu ser que, entregue ao [vento,
Vai transcendendo em musicais vertigens,
Na desesperação do pensamento...

LUIS CARLOS

(Inédito para "*Fon-Fon*")

A VELHINHA DO ASYLO

POR MARIO SETTE

QUANDO no pequeno quarto do hotel abri os olhos, vi pela intensa claridade que o dia andava muito alto. E o relogio á cabeceira de minha cama confirmou-o: quasi onze horas. Espreguicei-me ainda alguns instantes, bocejando; fiz varias tentativas falhas para emancipar-me do leito, onde me sentia tão agazalhado e tão a gosto naquelle friozinho de junho, apesar da madrugada já andar bastante longe....

Também deitára-me depois da meia-noite!... E não adormecêra logo, que o baile do casal Monturvo, de onde viera, me tomára uma hora mais de recordações, essas recordações que nos deixam, aos 25 annos, as festas em que se nos depara uma mulhér do nosso agrado.

Estivéra mesmo deslumbrante o baile! A memória não me offerecia lembrança de reunião tão cheia de pompa, de elegancia, de encanto!

Querendo dar aos dezenove annos de sua filha, a senhorinha Marianna, uma expressão toda especial, porque ella houvesse terminado o curso num collegio de fama, os Monturvo haviam conseguido realmente fixar nos espiritos dos convivas, como no da anniversariante, impressão difficil de se esbater.

E á lembrança dessa festa sumptuosa, presidida pelo sr. Adelino Monturvo e sua esposa d. Reinaldina, duas figuras queridissimas na alta sociedade, por suas virtudes philanthropicas e seus dotes de educação, eu associava ao typozinho gracil e esfusiante de Mariana, — Marianinha, como era seu apellido — um quê de moça ainda menina. Não que seu corpo escondesse a modelagem provocante da puberdade, nem seu rosto deixasse de se afiançar como na idade do poder ser beijado por amôr.

O espirito cheio de transbordante contentamento, de borboleteante curiosidade, era que lhe dava um arzinho de creança, principalmente quando, a uma phrase menos entendida ou menos esperada, fixava muito os olhos e emittia um "E?" que se mesclava de admiração e de incredulidade.

Dançamos juntos algumas vezes — ella, talvez, com um certo desajeitado, uma certa falta de rythmo que a permanencia num collegio de freiras perdoava a uma mocinha de escolhida roda. E não sei porque tive a ventura de lhe ser par mais de uma vez durante a noite.

O caso é que vim para o hotel com Marianinha no juizo. Gostára do seu typo, gostára daquella gente. Os Monturvo haviam conquistado minha arisca tendencia de sympathizar, e, não queria confessal-o a mim mesmo, mas era achatadora verdade, tinham também abalado minhas disposições de celibatario.

— Si a filha sahir aos paes — ouvi de vários lábios, num augurio de perfeição moral.

E voltei do baile com um enthusiasmo tal pela familia que me acolhera no seu lindo villino, que, acceitando logar no automovel de meu amigo o dr. Paulo Thomaz, não lhe escondi quanto me captivára o casal Monturvo, quanto gostára da festa, quanto seria feliz de continuar a ser um dos intimos daquelle tecto. Paulo Thomaz, approvando, num sorriso, os meus conceitos, accendêra um cigarro e ia fumando, com a vista a correr pelo asphalto da rua molhado por um aguaceiro de ha pouco...

De repente, como quem muda naturalmente de assumpto, disse-me:

— Amanhã, Edgard, levarei você, si quizer, ao Asylo da Velhice Desamparada. Desejo que veja um pouco de tudo daqui, durante sua estada. Hoje trouxe-o a uma reunião das mais distinctas desta cidade... Amanhã leval-o-ei a um dos nossos mais interessantes estabelecimentos de caridade...

— Pois não, com o maior prazer. A sua companhia sempre me agrada e, demais, irei visitar um asylo de que você é medico...

— O interessante não reside nesse pormenor; está no facto de vermos ali quadros tocantes, por vezes encantadores, e quiçá, para quem lá convive, também tristissimos... Mas, isto, meu caro...

da minha profissão que me faz descer ao segredo das almas como ao dos corpos. Você verá apenas o palco... Eu é que ando pelos bastidores...

Acquiesci sem pouca curiosidade, confesso, maxime numa occasião em que me achava com o pensamento voltado para os Monturvo... Demais, afigurava-se-me contraste forte entre o sarau que deixára e a visita a um recolhimento de indigentes... Talvez mesmo ironia separando aquelle esplendor de uma linda vivenda em festas, cheia de luzes, de flores, de musicas, de mulheres, e um casarão simplorio, triste, silencioso, onde mal se mexessem anciãos a que faltava o pão de um lar... Mas, como o mundo fosse assim de altos e baixos, sem que ninguem o endireitasse, fiquei de procurar o Paulo Thomaz no consultorio das 13 para as 14 horas.

E já os ponteiros do meu relogio iam perto das 11 e meia. Pulei da cama, afinal, fui ao banho frio, vesti-me, almocei e sahi. Muitos actos dentro de poucos minutos.

Encontrei o Paulo Thomaz, mettido no camisolão branco, a despachar clientes. Elle, que fôra meu companheiro de preparatorios, no Gymnasio, eu o vinha encontrar ali na capital, feito medico, e com bôa clinica da sua especialidade: doenças das vias urinarias. Emquanto eu ficára no extremo - norte presenteado politicamente com um cartorio mais ou menos rendoso. Puz-me na sala de espera a querer recordar episodios da nossa juventude; troças de estudantes; bombas nos exames; passeatas revolucionarias; greves por causa de professores ranzinzas... Mas, essas reminiscencias se resentiam de sabor, porque á medida que se afastava no tempo, o baile do casal Monturvo tomava maiores coloridos na minha imaginação. Aquella travessa Marianinha bolira com alguma coisa cá dentro que se defendêra com intangibilidade até então... E eu fazia castellos... castellos de matrimonio... de viagem de nupcias retornando á minha terra... Que diria minha velha e adoradissima mãe quando soubesse que o seu Edgard resolvêra sempre casar-se, "entrar para o roll dos cabeças assentadas" — conforme me dizia ás vezes, censurando minha negatividade para o matrimonio?... Havia de ficar contente e receber-nos de braços abertos, porque a minha escolha seria optima: — Marianinha sahiria aos paes e esses eram, na bocca de todos, umas perolas... Não os ouvira gabar tanto durante a noite?... O proprio Paulo Thomaz não approvára, embora tacitamente, meus elogios aos Monturvo, no automovel?... A questão era obter a mão da moça... Mas, o coração da gente adivinha... O modo por que os Monturvo me haviam dado acolhimento... O gesto de d. Reinaldinha trazendo-me duas vezes a filha para dançar commigo... Ella mesmo dando-me a honra de uma valsa... Os olhos de Marianinha... Coração adivinha...

Sahira o ultimo cliente. Uma senhora que não parecia ter sangue, com o rosto edemaciado, andando a custo.

E Paulo Thomaz appareceu-me já de chapéo na cabeça e terno claro.

— Prompto?

— Vamos.

Descemos no ascensor.

Na rua, muito ensolada e rumorosa, o auto nos esperava.

Viagem um tanto longa e nem sempre bôa estrada. O asylo ficava num arrabalde, em sitio alto, numa moldura de arvores, como si fosse uma morada de recreio.

Não tive a impressão de tristeza que esperava.

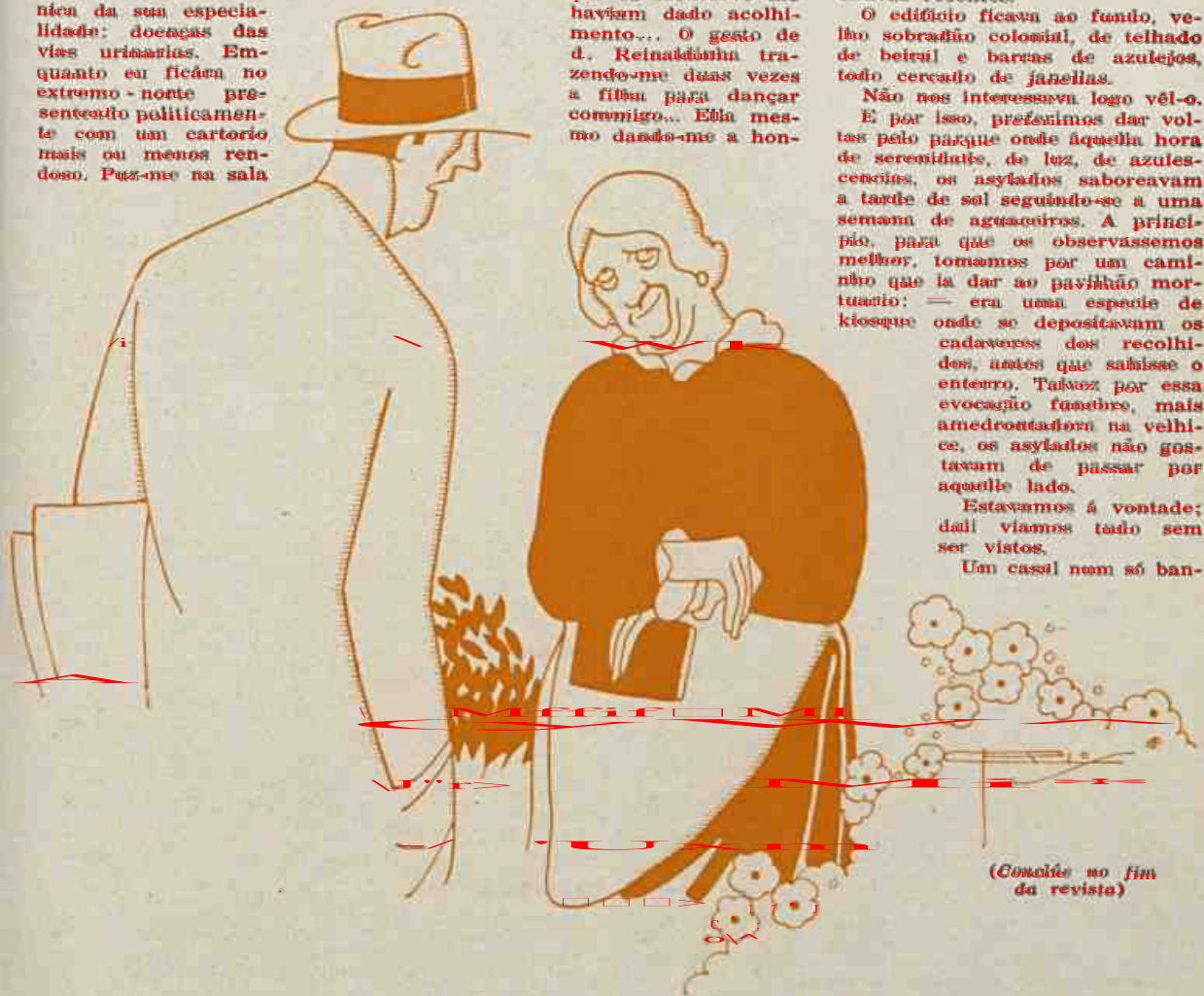
Entrava-se por um portão enredado de trepadeiras e tomava-se logo extensa e larga alameda cupulada pelas ramagens de mangueiras em dois renques.

Dali partiam, entrecruzando-se, varias estradazinhas pavimentadas de seixos e com roseiraes quasi todos floridos. Bancos de madeira espalhados, ora á sombra de uma mangueira, ora num tunnel de jasmins, ora vizinho das rosas. Havia a mancha dagua de um pequeno lago. E adeante immenso grammado de um verde novo, de um verde molhado das chuvas recentes.

O edificio ficava ao fundo, velho sobradão colonial, de telhado de beiral e barras de azulejos, todo cercado de janellas.

Não nos interessava logo vêl-o. E por isso, preferimos dar voltas pelo parque onde áquella hora de serenidades, de luz, de azulescencias, os asylados saboreavam a tarde de sol seguindo-se a uma semana de aguaceiros. A principio, para que os observassemos melhor, tomamos por um caminho que ia dar ao pavilhão mortuario: — era uma especie de kiosque onde se depositavam os cadaveres dos recolhidos, antes que sahisse o enterro. Talvez por essa evocação funebre, mais amedrontadora na velhice, os asylados não gostavam de passar por aquelle lado.

Estavamos á vontade; dali viamos tudo sem ser vistos.

Um casal num só ban-

(Conclue no fim da revista)

SEU ULTIMO AMOR

INTERROMPENDO a carta que começara a escrever, Fernando Alvares fixou o olhar demorado, longamente, num pequeno quadro collocado sobre a sua secretária.

— Lú! Minha querida Lú! Lúsinha ingrata!

Insensivelmente articulara esse grito de desespero, que respondia, realmente, á angustia interior que, ha dias, o vinha torturando.

— Lú!... Minha Lú!...

Seus olhos marejaram-se de lagrimas ardentes, lagrimas que elle, em vão, procurava conter.

Ha quanto tempo não chorava, para fazel-o, agora, por amor de uma mulher?...

Que fraqueza... Mas, Lú... Lú era a sua vida. Toda a sua vida... Vivia tão só, tão só, quando a encontrou, quando a amou...

Abandonando a secretária, estendeu-se sobre o repousante divan de couro escuro, na pequena sala do seu appartamento.

E, mais uma vez, poz-se a evocar, a recordar...

Sua vida... Uma vida sempre amargurada, sempre vivida dolorosamente, desde que se fizera homem. Um destino máu, uma impiedosa fatalidade acompanhava-o continuadamente, contrariando todo o esforço que empregava para se sentir um pouco menos infeliz... O amor, então, só lhe trouxera amargura, soffrimento, desencanto.

As mulheres que amara, uma a uma passaram-lhe pela retina afflicta, distendida para o mundo do seu passado.

Passavam, porem, como sombras fugidias, porque a figurinha de Lú dominava, intensamente, seu pensamento.

Lú... Toda a sua vida sentimental se concentrava neste pequenino nome de mulher.

As outras?... Como elle fora ingrato, máu, mesmo, com as outras! E algumas o tinham amado loucamente. Nenhuma, porem, conseguira realizar a sua inquietação de felicidade, satisfazendo plenamente os anseios de seu coração.

Sua felicidade!... Lú seria, mesmo, a sua felicidade? Em que consistiria a felicidade que tanto desejava e nunca conseguira?

Em ser amado? Se o fora tanto!... Em amar? Mas, tambem, amara e julgara, mais de uma vez, ter encontrado a felicidade no amor...

Porque, porem, não fora, nunca fora feliz—elle, que sentia que só o amor pode realizar o sonho da felicidade na vida?

Seria que nunca teria amado verdadeiramente, senão agora, depois de tanto soffrimento, de tantos desenganos, de tantas decepções?

Mas, se não tivesse amado tambem não teria soffrido tanto.

O amor... Seria assim o amor, sempre a carrear, na agua fresca e cantante da sua exaltação, feita de beijos e de carinho, a angustia de uma continua inquietação?

Ou o egoismo incontentado do homem é que o enchia de amargor, de desespero?

Saciedade... O desencanto da posse?...

Não. A posse não mata o amor. Antes o exalta, ás vezes. Lú, por exemplo, quanto mais elle a sentia sua, mais a desejava, mais a amava.

E foi nesse estado de exaltação passional, quando elle sentia que já não poderia viver sem ella, que Lú o abandonara.

Ha dez longos, interminaveis dias sua vida era uma tortura continuada. Todas as noites, deixava entreaberta a porta do appartamento, esperando ver surgir, de um momento para outro, sua figurinha sorridente, á hora em que ella sempre costumava apparecer.

Estava tão habituado a isso! Ha dez dias, porem, ella não vinha. Telephonava-lhe vezes e vezes e sempre lhe diziam que "não estava". Abandonara-o, assim, sem uma palavra, sem uma explicação, ella que se dizia tão sua, que se considerava, para sempre, sua "mulhersinha".

Porque o "outro", Lú ia deixal-o, separar-se delle, desquitar-se, para ser só sua, inteiramente sua. Estava tudo combinado quando, de modo intempestivo, brusca e impiedosamente, Lú o abandonara!...

Por que?

Essa interrogação punha em febre sua pobre cabeça soffredora.

Se viesse a enlouquecer pelo soffrimento, a desvairar-se a ponto de commetter um desatino?

Aquella carta que começara a escrever, como fazer chegar ás mãos della, sem perigo, sem comprometel-a?

O marido, o "outro", poderia pegal-a... Em casa della não conhecia ninguem, mesmo uma empregada que pudesse merecer alguma confiança...

E só quando o "outro" sahia para o seu club, habitualmente, depois do jantar, é que Lú fugia para o seu appartamento, a trazer-lhe, com a sua graça irradiante, a caricia fresca do seu corpo de mulher bonita, a volupia quente dos seus beijos.

Lú! Lú ingrata, que lhe fugira, deixando-o tão só, tão abandonado!

Por que?... Por que?...

Tinham combinado tudo, no ultimo encontro. Embarcariam para o Uruguay... O divorcio della, depois o casamento com elle. A felicidade, toda a sua felicidade realizada... Lú era digna de ser feliz e elle, apesar de pobre, de não ser rico como o "outro", que não a comprehendia, sentia-se capaz de fazêl-a feliz, muito feliz.

A sua pobreza... Teria ella desistido por isso? Mas Lú sabia-o e sempre lhe dissera que preferia ser pobre e feliz com elle. Disse mais: "Escuta, Fernando, amo-te tanto, tanto que prefiro ser desgraçada comtigo a ser feliz com qualquer outro homem!"

Estaria doente, sua Lusinha?...

Mas, por que, quando telephonava, sempre lhe respondiam que ella "não estava"? E, ella, que bem o conhecia, que sabia quanto elle deveria estar soffrendo, não procurava explicar a sua ausencia, o seu silencio...

* * *

Domingo. A manhã luminosa sorria sob o céo azul e limpido.

O pregão de um pequeno jornaleiro fel-o lembrar-se de que não lia os jornaes ha dois dias.

Tocou a campainha e pediu ao creado para comprar os que habitualmente lia.

Nada interessante. Noticias politicas. Uma tragedia passional. Suicidios. Tudo banal.

Passageiros do "Atlantique" para a Europa... O titulo dessa noticia despertou-lhe a attenção. Começou a ler, a ver se, naquella lista de viajantes, encontraria o nome de alguma pessoa conhecida. "Com destino á Europa tomaram passagem, hontem, neste porto, a bordo do "Atlantique" as seguintes pessoas:"

Foi acompanhando a relação dos nomes quando, já no fim, leu: "O sr. Alfredo Caldas de Andrade e sua senhora, d. Lucilla Caldas de Andrade."

— Impossivel! Impossivel! Coincidencia de nomes... Engano, talvez...

Seu cerebro parecia rebentar. Seus nervos desordenados agitavam, sacudiam seu corpo.

As "notas sociaes"... Sim, talvez adeantassem alguma coisa. Lú e o marido eram figuras de relevo na sociedade carioca.

Com as mãos tremulas abriu um dos jornaes. Nada. No outro, porem, encontrou este laconico registo: "Em viagem de recreio seguiram, hontem, para a Europa, a bordo do "Atlantique", o sr. Alfredo Caldas de Andrade, conhecido industrial, e sua exma. esposa, d. Lucilla Caldas de Andrade, etc."

Não leu mais. Num gesto violento rasgou o jornal, atirando os pedaços ao chão. Pallido, os olhos a quererem pular das orbitas; offegante, como se tivesse feito um grande esforço, sentou-se á cadeira da secretária...

Suffocou-o uma onda de pranto. Revolta, dor, soffrimento, desespero, odio—os mais desencontrados sentimentos agitavam seu ser.

Seu ultimo amor... Sua ultima desgraça... A ruina completa da sua vida...

Para que tentar mais ser feliz? Sua vida... Que valia sua vida, seu resto de vida, agora? Viver sem Lú?...

Lú! A miseravel... Lú, a grande... Um nome estupido, de baixo calão. Uma gargalhada rouca, furiosa. Uma corrida vertiginosa pela rua afóra...

— Vou atraz della! Vou buscal-a! vou matar aquella desgraçada... aquella...

Outra vez um nome feio.

* * *

— Lú! Lusinha, eu tambem vou! Leva-me comtigo. Leva o teu filhinho! — repete, a todo momento, no hospicio a que foi recolhido, o louco Fernando Alvares.

Elcias Lopes

ele sobre cantigas e musicas populares do nosso Norte infeliz. Ao despedir-se de mim, no fim da noitada, disse-me:

— Quando *seu doutô percisá* do negro, é só *mandá* um recado ao cinema Odeon, ao Pretão da orquestra.

Encontrei-o algumas vezes em reuniões familiares e vi-o muitas no cinema. Depois, as fitas sonoras acabaram com as orquestras e nunca mais lhe pus os olhos em cima. Topava-o agora, com espanto, ao luar de setembro, numa rua de Paris.

Estendi-lhe a mão, que ele apertou com alvoroço, dizendo:

— Virge Maria! que gosto de *vê seu doutô* nesta terra e de escutá o nosso idioma!

Sorri do *idioma* e indaguei:

— Que faz você em Paris, Pretão?

Ele discorreu:

— Faz já cinco anos que eu resido nesta terra, tocando saxofone nos cabarés e ganhando a minha vida honradamente, como Nosso Senhor é servido. Toquei primeiro no "Lapin Agile", depois no "Boeuf sur le toit" e agora estou contratado no "Train Bleu". Hoje é minha noite de folga e vim tomar ares em Montmartre, que é mais tranquilo do que Montparnasse, onde trabalho e agora se faz quasi toda a vida noturna.

— Você não tem saudades do Brasil, Pretão, nem deseja voltar?

— Saudades eu tenho, *seu doutô*, e muitas; mas vontade de voltar, para *falá* a verdade, não tenho não. O senhor desculpe, porem estamos sozinhos e brasileiro com brasileiro pode se abrir. O nosso país, infelizmente, não presta. E' uma terra onde não ha estimulo para a musica e onde não se faz caso de preto. Aqui, não, é *deferente*. Os artistas são bem pagos, os musicos são tratados com carinho e o povo gosta dos negros. Voltar ao Brasil para que? Para *ganhá* dez mil reis por dia, e bem puxados, que mal chegam para comer feijão, arroz e banana? Para namorar as cosinheiras e isso mesmo com a concurrencia dos soldados do exercito, dos fusileiros navais e dos galegos das vendas? Não vale a pena...

Tossiu. Puxou a cigarreira esmaltada, bateu o cigarro na tampa, acendeu-o ao isqueiro, limpou um pouco de cinza da gola do jaquetão azul, tirou duas baforadas e continuou:

— Aqui é *deferente*. Eu ganho quatro mil francos por mês no cabaré fora as gorgetas, moro em Sainte Placide e não na Penha, e, como os francêses gostam da Josefina Baker, as francesas adoram os pretos de estampa e que sabem se vestir assim como eu. Qual! no nosso país não ha mesmo estimulo...

Mirei-lhe as polainas claras, o terno bem passado a ferro, a gravata de bôa seda e só então reparei que estava de luvas de camurça beige. Lembrei-me um momento das cenas que por toda a parte me haviam chamado a atenção, na rua, nos cafés, nos cabarés, na Exposição Colonial, nos restaurantes e nos *dancings*, de belas mulheres, sobretudo louras, *accrochées* a pretos retintos. E falei:

— Você tem toda a razão. Eu, no seu caso, nunca mais voltaria.

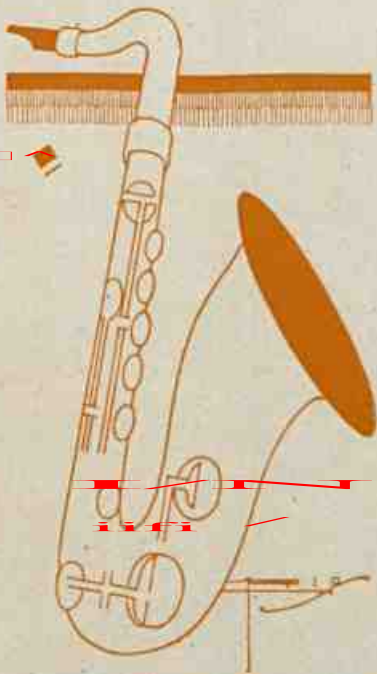
Nisso, a porta do café em cujo passeio estavamos parados se abriu e deu passagem a uma mulher alta, espigada, loura, de tailleur côr de pinhão, com um pequenino tricornio de veludo negro trepado sobre a cabeleira ondulada e cortando com a ponta a testa polida e fina. Admirei-lhe rapidamente os olhos verdes, a pele asetinada. E ela gorgeou como um passarinho:

— *Viens, chéri, rentrons! C'est trop tard et je tombe de sommeil.*

— *Oui, chérie*, replicou ele e estendeu-me a mão, alargando os beiços num grande sorriso amigo:

— Adeus, *seu doutô*, a Lisette está com sono... Muito prazer em vê-lo. Appareça qualquer noite lá no "Train Bleu".

— Bôa noite, Pretão!

A francesa fez-me uma inclinação de cabeça, deu o braço ao negro, e os dois subiram a rua deserta, muito chegadinhos, sob o luar deslumbrante. Eu fiquei um instante a olha-los. Depois, segui meu caminho, pensando que Paris ainda é na verdade o Paraiso...

RANCHO FUNDO

Na paz da noite estrellada, embalávamos a rede da imaginação, suspensa dos varaes do rancho pelos punhos brancos, que o sonho febrilmente encordoou.

Noite de Natal. Lá fóra, a ronda intermittente dos vagalumes; o vento brando da serra, cheiroso do pollen andejo das flores silvestres; a resa das aguas no remanso das moitas; a alcovitice das sombras; a felicidade simples das casas de cabocio, onde "um é pouco, dois é bom, tres é demais..."

Ouvias-me com uma volupia nova no fulgor dos olhos. Com uma caricia differente no contacto das mãos.

— Que importa o passado? No amor, só existe o presente. O coração é um desmemoriado.

— E se volta o amor?

— Não se volta nunca ao amor. *On revient! toujours...* Mentira. Amor que se vae uma vez, acabou-se. Todo amor exprime uma eternidade: no bem-querer, ou na indifferença.

— A's vezes, a indifferença é o reverso da medalha do coração. Do outro lado: a ternura.

— Quando os amantes alternam a sua forma de querer-bem, já não amam. Fingem que amam.

Silenciámos. Os gallos começavam a amiudar. Força invisivel deu um impulso á rede da imaginação, esticando os punhos encordoados de novo.

Na pauta sideral, as estrellas resplandeciam como notas de uma musica só para os olhos... Nosso pensamento era o mesmo:

— Natal. Papá Noel. Os sapatinhos dos pobres, que não ganham nada...

E tu, mulher, que tens orgulho da tua feminilidade e da tua pobreza, muito baixinho, a meus ouvidos, com medo de que a solidão fôsse indiscreta:

— Meu Papá Noel: Enche os meus sapatinhos com o teu amor, sim?

POVINA CAVALCANTI

De Luis da Camara Cascudo

Os inglezes, americanos e francezes, desde meiados do seculo XIX, lutam para ver o Japão poetico. Centenas de livros, antologias, ensaios, estudos, analises. O Japão é impenetravel como o sorriso parado de suas gueishas de olhos amendoados. A poesia airada, finissima, infixavel, jogo de luz-treva, e de nuança, subtil e rapida, foge como uma onda ao tacto curioso do occidental. Marriot Watson foi obrigado a confessar, do cimo de seus conhecimentos no País do Sol Nascente, a incapacidade de controlar o vago, o misterio, o indecifravel daquella poesia-parfume, tão alada e tenue como flores de cerejeiras. A especie popular de tres versos (5-7-5 silabas,) está neste quadro. O sr. João Ribeiro chama-a «pintura em xarão». Em japonez, prosodia á ingleza, é desta maneira: —

Furu ike ya
Kawazu tobi Komu
Misu no oto.

Quer dizer, ensina o sr. João Ribeiro: —

Um velho charco...
Uma rã pula
Na profundeza da agua...

Na primeira versificação de Clifford Bax uma deliciosa quadra diz assim:—

What loveliness they make
Unlaboring, unaware,
The water-mirrored moon,
The moon reflecting lake!

O sr. João Ribeiro conservou o sabor seguro e preciso:—

Que namoro que ellas fazem,
Sem a menor vontade sua,
A Lua espelhando as aguas,
E a agua espelhando a Lua!

Aqui está um quadro fiel e pequenino dum aspecto da vida rustica. Pintura singular de maximo no minimo—

See, how across the plain
The oxen go
Unheeding, imperturbable, slow
Through the sharp summer rain.

Dá isto, na minha oferenda—

Vês que atravez da campina
Os bois se vão...
Tardos, lentos e serenos,
Batidos pela chuva de verão.

Do genial Hokku a coletanea Watson-Bax (do New-Age, Londres) guardou a lição admiravel e sabia, dita em forma esparsa e leve, no velho ritmo inglez:—

The waters of the mountain that shall
mingle with the Sea's
Must for a little while endure
the shadows of the trees.

Arranjei-me desse geito:—

Agua da montanha que rolais
para o Mar
um pouco mais devagar,
a sombra das arvores suportai!

De Nico Horiguchi é esta tanka em moderno estilo e antiga emoção—

Sobre o lago tranquillo
O cisne olha
cahir as folhas d'oiro...

E' ainda deste jovem e brilhante diplomata que o Brasil hospedou tanto tempo com justa alegria, este outro poemeto—

A mais triste lembrança dos meus vinte
[annos
E' não ter nenhuma
Que me faça chorar...

A doçura desta observação de Suga-No-No:—

Apenas destacadas de teu ramo,
Oh! flores de Sakura,
Não sois, pela altura,
sinão um pouco de espuma passageira...

Tadonari escreve sobre a fragilidade eterna da natureza ante o passageiro esplendor dos trabalhos humanos—

Oh paiz de Omi! Que tristeza tamanha!
As ruinas de Siga desaparecem
E sempre na montanha
as cerejeiras florescem...

Como sentir este imperceptivel fio melodico? Pensem que Marriot Watson confessa sua derrota deante do verso aero do japonez. O poeta nipon apela diretamente para a colaboração subconsciente do leitor. E se entenderem tudo é porque o verso não é japonez. If a poem says all... then is not japanese.

MARIA ELEONORA

O olhar distendeu-se pela campina raza, de um verde desmaiado puro, naquella manhã de sol. Carlos Eduardo abriu melhor a janella do carro dormitorio e recordou, instantaneamente, a ultima aventura da sua vida. A ultima amante, Maria Eleonora, vivia ainda na sua imaginação como um farrapo do gosto máo da vida. De qualquer maneira que olhasse a vida, sentia o desejo sensual de amál-a, e, instinctivamente, achava na Natureza a sensualidade de um corpo vivo, as fórmas macias de uma Venus imaginaria. Rolou os olhos pelo campo descoberto: a paizagem sorria á luz da manhã, com espontaneidade. A doçura do ar acariciava o seu idyllio perdido. A nudez quente de Maria Eleonora embriagava o seu espirito solitario. O orvalho tocava de diamantes as arvores indifferentes. Um boi triste levantava a cabeça e mugia na solidão do deserto. O vento parecia avelludado e dôce como um labio feminino. O tempo protegia a saudade ephemera. A belleza da manhã despertava-lhe aquella recordação milagrosa: Maria Eleonora! Doia-lhe aquelle soffrimento: Maria Eleonora! A sombra tinha apagado a belleza do seu rosto. Manchas cinzentas e pardas, no canto dos olhos, aviltavam as palpebras arroxeadas e tumidas. Tinha o olhar longo das coisas desapparecidas. A hysteria dos gestos bruscos denunciava a nevrose de estranha volupia... O seu corpo em farrapos conhecêra os silencios da lua e os esplendores do crepusculo! A fiel imagem do seu corpo delirante tinha desapparecido do seu espirito. Oh! o encanto indefinido das noites sobrenaturaes, quando o céo tem a frescura das aguas vivas e o olhar dourado das estrellas se confunde com a visão enamorada das coisas. O extase inicial do amor.... Tinha esgotado a subtil essencia daquella vida. Na manhã de crystal, havia um éco de fonte sob as arvores.

.. ..

.. ..

São enganadoras as imagens da recordação e sempre deformados pelo sentimento os vestigios da saudade. Maria Eleonora recolhia, na sombra de Isolda, os aromas carnaes da terra.

Carlos Eduardo, n'outra posição, sentia apodrecer os fructos daquella estação floral. O sonho desertára o paraiso perdido. Jogava com symbolos precarios, annotava a vida lyricamente, sentia o rio universal das coisas correr despreoccupadamente para o esquecimento. A claridade da primeira manhã devia ser assim na juventude do mundo. O jardim da vida estava cheio de fontes e de rosas. Na aza da aventura sorria o primeiro olhar do homem.... A serpente, insidiosamente, procurava a sombra da arvore do bem e do mal. A visão branca da lua offerecia o espectaculo do seu primeiro eclipse naquella noite ardente.... O primeiro beijo de amor envenenára as fontes do jardim da vida!

.. ..

.. ..

Tinha na bôcca o gosto de cinza de um dia morto. Fecháram-se para a sua vida os cilios de seus olhos máos, tristes, apodrecidos interiormente. A mão religiosa da noite havia de encerrar aquelle tormento. Ter de viver um dia inteiro, numa cidade estranha, sem poder falar ao silencio das coisas, a impressão dessa manhã absurda. Não lhe satisfazia mais o imprevisto da viagem. A cidade de São Paulo, já proxima, ia repousar aos seus olhos como um cão fiel. Aquelles esmaltes de faiança azul, que vira nos olhos de uma criança, não suavizára o seu desencanto. No olhar puro da creança havia indicio de alegria humana.... Um éco sentimental da espontaneidade das coisas. Naquelle minuto, sentia viver o perfume das rosas. A vida não poderia levar ao rio de seu sangue o lotus eterno da metamorphose? Por que não? Poderia beber o vinho loiro dos sóes que os deuses distillaram no infinito... Filtrar o veneno da chimera na illusão do sonho.... Vencer a sombra que cresce e fecha as clareiras da vida.... Ter a alegria confusa da vertigem.... Naquelle instante ephemero, Carlos Eduardo teve a imagem da morte no ninho do seu cerebro.

.. ..

.. ..

Maria-Eleonora era como a nympha d'agua que dorme em seus profundos espelhos.

Para elle, fecháram-se os cilios de seus olhos máos, tristes, apodrecidos interiormente!

.. ..

Os ruidos cresciam, distinguiam-se as vozes, doces umas, metallicas outras.

O trem deslisava mollemente para attingir a rampa do desembarque. A Estação do Norte parecia um circo de cavallinhos, num dia commum. Duas ciganas davam uma nota de côr no pateo cinzento da praça ali defronte. Tudo feio, monotono, precario, como presentira. Teve pena de si mesmo, de andar interiormente pelos palacios do sonho e da illusão, annotando lyricamente a vida, quando a vida era pobre como a alma de Maria Eleonora!

.. ..

.. ..

C. da Veiga Lima

(Do romance — "Maria-Eleonora" — 2.º episodio do "Veneno Interior").

Poema de Natal

O' meu Jesus quando você
ficar assim maiorzinho
venha para darmos um passeio
que eu tambem gósto das creanças.

Iremos vêr as féras mansas
que ha no jardim zoologico-
E em qualquer dia feriado
iremos então por exemplo
vêr Christo-Rei do Corcovado.

E quem passar
vendo o menino
ha-de dizer: ali vae o filho
de Nossa-Senhora da Conceição!

— Aquelle menino que vae ali
(diversos homens logo dirão)
sabe mais coisas que todos nós!

— Bom dia, Jesus! dirá uma vóz.

E outras vózes cochicharão:
— E' o bello menino que está no livro
da minha primeira communhão!

— Como está forte! — Nada mudou!
— Que bôa saúde! Que bôas côres!
(dirão adeante outros senhores).

Mas outra gente de aspecto vario
ha-de dizer ao vêr você:
— É o menino do carpinteiro!
E vendo esses modos de operario
que sae aos domingos pra passear,
nos convidarão pra irmos juntos
os camaradas visitar.

Quando voltarmos
pra casa á noite
e fôrem pra o vicio os peccadores
elles sem duvida me convidarão.
Eu hei de inventar pretextos subtis
pra Você me deixar sosinho ir.
Menino Jesus, miserere nobis
segure com força a minha mão.

JORGE DE LIMA

extase

CONCHITA CID

Menino Jesús, fulgurante de graças, estende os braços fráfeis de criança para o abraço do amôr. Elle lá está, vestido com a sua tunica *vieux rose* que lhe cáe, em largas pregas, até os pés descalços e brancos.

Os seus olhos claros, doces como os de um cordeiro triste, estão pousados nos meus olhos.

Eu sinto uma vida intensa palpitar dentro desses olhos que parecem mover-se suavemente, que parecem seguir os meus pensamentos, adivinhar o que se passa dentro da minha alma.

O céo destaca-se, lá no fundo, povoado de anjos.

A cabeleira fulva, ondulada, do Menino Deus, irradia sob o nimbo de luz que se projeta sobre ela.

Essa faixa de luz, constitue a coroa do Rei dos Reis.

Constitue a coroa de um pequenino Rei de cabelos de ouro, que já sabe estender os braços, paternalmente, para o abraço do amôr...

O artista fixou Jesus aos doze anos.

Foi nessa idade que Ele deslumbrou os doutores da lei quando, separando-se dos pais, conseguiu penetrar no templo de Jerusalém.

Todos que o ouviam ficavam admirados do seu discernimento e das suas respostas.

Foi nessa idade em que as outras crianças se preocupam em fazer barquinhos de papel, papagaios e balões, que o Menino Jesus, compenetrado da sua missão na terra, soube responder, á interrogação afflitiva da mãe: — "Filho, por que, procedeste assim para comnosco? Olha que teu pai e eu andavamos á tua procura cheios de afflição." "Por que me buscaveis? Não sabieis que devo ocupar-me nas cousas que são de meu Pai?"

*

Neste momento de amargura, Pequenino Deus, és tu o unico amigo a quem posso dirigir os meus lamentos...

Não preciso contar-te o meu romance. Tu lês nos meus olhos como num livro aberto. Ainda bem que és piedoso e não me perguntas: "E os outros?" Porque, si me perguntasses isso, eu seria obrigada a dizer-te que os expulsei do templo do meu afféto...

Numa avareza infinita, eu quis abrigar, no templo de afféto que erigiste na minha alma, o maior numero de cousas profanas que fui encontrando pelo caminho da vida. Um dia, resolveste visitar esse sumtuoso palacio que havias construido na minha alma, e não pudeste entrar. As imoralidades que ora ocupavam a tua casa obrigaram-te a fugir. Triste, ultrajado, partiste sem uma recriminação siquer. Agora, porém, que preciso do teu conforto, da tua ternura, da chama do teu amôr, tu voltas a habitar o palacio que te pertence e que está pomposamente preparado para receber-te...

Deus pequenino! Perdôa-me, si, numa duvida atroz, recitei mais de uma vez estes versos de Anthero de Quental:

"Ah! Si Deus a seus filhos dá
[ventura
Nesta hora santa... e eu só posso
[ser triste...
Serei filho, mais filho abando-
[nado!"

Chego até a luxuosa moldura — presente de um admirador anonimo — colocada á cabeceira da minha cama, e peço, contritamente arrependida:

— Senhor pequenino: volta á minha alma. Prometo guardá-la toda para ti. Toma tambem o meu coração e leva-o comtigo. Ele é o unico culpado de tudo.

Peço-te, Senhor, o maior cuidado ao penetrares, de novo, no jardim da minha alma.

Entra de leve, bem de leve, para não reabrir as feridas que, a muito custo, consegui cicatrizar...

Tem tambem muito cuidado em não acordar um garoto terrivel que eu consegui tambem, depois de muitos esforços inuteis, adormentar: o passado.

Deus pequenino, não acordes o passado porque ele é capaz de magoar o teu corpo fidalgo com as suas unhas compridas e duras.

E' capaz de obrigar-te a voltar, Rei pequenino...

Mas vem depressa, pois não garanto a minha fortaleza de animo. "Si tudo espero da tua bondade, tudo espero da minha fraqueza..."

Os olhos do Deus Menino reviraram-se nas órbitas. Um sorriso entreabriu os seus labios divinos. E eu li, no brilho verde desses olhos, esta verdade que Ele disse, um dia, a Santa Catharina de Sena: "Filha, pensa tu em mim, que eu pensarei em ti."

Ele, o Rei dos Reis, o rei *enfant* que está reclinado numa mangedoira, guardado por Maria e José, embalado pelos doces canticos da milicia celeste que louva o Senhor dizendo: "Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!"; Ele que será adorado pelos magos do Oriente para, depois, sofrer toda a sorte de injurias e perseguições, Ele quer fazer-me compreender que escutou as minhas preces, que mitigará as minhas dores, que me confortará com o seu carinho...

Jesús sorri para mim de dentro da moldura de luxo que eu coloquei á cabeceira da minha cama, e estende-me os seus bracinhos frágeis de criança para o abraço da Paz e do Perdão...

ENTRE os mais importantes institutos de ensino desta capital o Collegio Baptista detem uma situação de accentuado relevo, realçada brilhantemente pelo prestigio das honrosissimas tradições que vem, ha longos annos, edificando e enriquecendo o seu magnifico patrimonio moral e educativo. Dirige-o, actualmente, o notavel educador americano dr. H. H. Mairhead, formado em Sciencias e Letras n Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, doutor em D. D. (Divindades) pela mesma instituição e, em Theologia, pelo Seminario de Texas, o illustre professor desde muito moço se encontra no nosso paiz, tendo dirigido, em Recife, durante 23 annos o Collegio Baptista, ali installado.

Sob a direcção de um technico, com longo tirocinio de ensino no Brasil, o Collegio Baptista desta capital vem correspondendo amplamente á sua elevada finalidade, maxime, agora, que se acha sob o regimen de inspecção preliminar, para effeito de sua futura equiparação.

Além da photographia do seu illustrado director, dr. H. H. Mairhead, que apparece ao centro, estampamos nesta pagina alguns dos mais importantes edificios desse notavel estabelecimento de ensino, vendo-se, ao alto, á esquerda a linda e confortavel séde principal do collegio, — o Judson Hall, localizada na aprazivel chacara Itacurussá, á rua José Hygino, 350, na Tijuca. E' um vasto edificio, de linhas architectonicas admiraveis, offerecendo accommodações para 650 alumnos.

Funcciona ahi o departamento mixto, sob inspecção official.

No corpo docente a serviço desse departamento figuram nomes, dos mais illustres e mais representativos da cultura e do alto magisterio nacional.

A gravura, ao alto, á direita, representa o Departamento Feminino, installado na esplendida Chacara das Jaqueiras, á rua Conde de Bomfim, 743, antigo solar do Visconde do Rio Branco, que ahi falleceu.

Dirigem-no dois educadores de merito, o dr. F. F. Soren e D. Jane Soren, nomes radicados na estima e na consideração da nossa sociedade.

Esta secção comprehende os Cursos elementar e Secundarios, sendo divididas em duas categorias as alumnas deste ultimo: as que seguem o curso official e as que se matriculam no curso de madureza.

Destaca-se, em baixo, a gravura do Edificio Love, onde funccionam os Cursos Elementares, para ambos os sexos.

E' um magestoso predio de construcção recente, situado á Rua Visconde de Cabo Frio e Praça Corumbá, tendo accommodações para mais de 600 alumnos. Um optimo conjuncto de Professores dirige, com todo o esmero, as diversas aulas desses Cursos, sob a superintendencia de D. Olga Baeta Neves Pinel.

As matriculas para o Departamento Mixto e para o Departamento Feminino do Collegio Baptista estão abertas até o dia 15 de março vindouro.

As aulas dos Cursos Elementares, no Edificio Love, terão inicio em principio de fevereiro.

FON-FON no cinema

Os olhos do velho começavam a dizer a sua grande saudade.

A GRANDE ATRACÇÃO

PATHÉ - PICTURE

Com Helen Twelvetrees, Fred Scott, Dorothy Burgess, George Fawcett.

O "Circo Supremo" do velho Garner, salta de cidade em cidade, divertindo o seu publico e contendo a comedia dos seus componentes. A perseguil-o, porem, está o "dr." May, o qual, em companhia de sua mulher e de um soldado, se aproveita da reunião de gente em torno do circo, para propagar e vender suas drogas. Gerry é o encarregado de apregoar o "elixir da vida". O rapaz possue uma excellente vóz. O exito delle, entretanto, desperta ciumes em Joe, trapezista do "Circo Supremo", o qual decide eliminal-o. Antes das hostilidades terem inicio, Maryan, a pupila de Garner,

Elle estava com inveja do macaco.

o induz a convidar aquelle conjuncto para fazer parte do elenco do circo. Os negocios ficam assentados e combina-se, então, que o "dr." May e sua mulher trabalharão como "clows", emquanto Gerry cantará um numero novo durante o numero de trapezio executado por Maryan e Ruth. Surge entre Gerry e Maryan um romance de amor. Ruth deixa a vida de circo para casar-se. Joe, que odeia Gerry, manda buscar La Bele Trixie, para substituir Ruth. Trixie outra não é sinão uma velha companheira de Joe, envolvida

em transacções illicitas. Por influencia de Maryan, Gerry torna-se o braço direito de Garner e Joe fica furioso. Gerry faz a sua declaração de amor a Maryan e o casamento de ambos é annunciado. Espirito leviano, vae Gerry até a barraca de Trixie contar-lhe a novidade, e a encontra jogando pocker com o major Tiny e Baby, o gigante do circo. Trixie, ciumenta e vingativa, faz o rapaz beber um pouco demais e Gerry cáe tambem no jogo. Trixie começa a fazer trapaças, mas perdendo a primeira vista.... Limpa de dinheiro, ella joga um beijo e Gerry ganha. Elle insiste em pagar a prenda e envolve os seus braços no pescoço do rapaz, quando Maryan apparece. Não notam a sua presença.... e ella desapparece em soluços. Aborrecida com o que viu, Maryan faz agora o seu numero de trapezio sem attenção alguma e resulta cahir. E' levada para o hospital. Alguns dias depois, Gerry estava completamente bebedo. Vae

Delirio de amôr a que não podiam resistir.

Os dois mais applaudidos do circo.

ao banco despositar o dinheiro do circo e, chegando lá, descobre que fora victima de um fur-fôra victima de um furra a cadeia. O "dr." May, a esposa e Garner julgam-no innocente e vão ao hospital e contam a Maryan o facto. Convencida de que Trixie está atraz daquillo tudo, Maryan arranca as ataduras que tem sobre o peito e insiste em trabalhar com Trixie e fazel-a confessar o furto, ou a culpa que ella tem nisso. As duas fazem o seu numero e quando ellas estão balançando ao alto, Maryan sustenta Trixie pelos braços, ameaçando-a deixal-a cahir e morrer no picadeiro se ella não contar o que sabe. Trixie amedronta-se e, sentindo a morte perto, confessa que o dinheiro fôra roubado pelo seu macaco treinado Bimbo, e que está guardado no seu quarto. Gerry é posto em liberdade, reune-se novamente ao circo e Maryan torna-se sua esposa.

Era o amparo do pobre velho.

O ANNEL DOS BEIJOS
com
IWAN PETROVITCH
LIL DAGOVER
UFATON
Lilian Harvey
em
MINHA MULHER DIVERTE-SE
UFATON
O ULTIMO PELOTÃO
com
CONRAD VEIDT
UFATON
ÁS ORDENS, ALTEZA!
com
KAETHE VON NAGY
e
WILLY FRITSCH
EMIL JANNINGS
em
FAVORITO DOS DEUSES
UFATON
O CAMINHO DO PARAISO
com
LILIAN HARVEY
e
WILLY FRITSCH
Ufaton
CHARLOTTE SUSA
em
O TIGRE
com
HARRY FRANK
UFATON
UM TIRO NO ATELIER DE FILM SONORO
com
GERDA MAURUS
HARRY FRANK
AAFA SONORO
Meu coração incognito
com
MADY CHRISTIANS
GOTTSCHALK SONORO
LIL DAGOVER
em
ELISABETH D'AUSTRIA
BETTY AMANN
e
HEINRICH GEORGE
em
O PRISIONEIRO DE STAMBUL
UFA SYNCHRONISADO
O PROGRAMMA URANIA lançará em 1932 as producções sonoras mais luxuosas, mais deslumbrantes e de maior effeito scenico em maravilhosos ambientes de poesia. — Essas peliculas, consagradas mundialmente, caracterizam a ultima palavra na cinematographia.
PROGRAMMA URANIA
UFA
A UFA famosa vanguardeira da cinematographia mundial!
Os seus films assombram o mundo e constituem a sensação da setima arte.
Conta em suas realizações com os artistas mais famosos, os directores de scena mais celebres.
HEROES DO INFERNO BRANCO
com
LENI RIEFENSTAHL e SEPP RIST
AAFA
BOOS

"Ruas da cidade"

DA PARAMOUNT

Interpretes:

Gary Cooper

Sylvia Sidney

Paul Lukas

Ia provar a sua competencia de atirador.

O negocio de contrabandismo das bebidas alcoolicas havia drenado milhões para a conta de banco de Peter Maskal, um desses estrangeiros affoitos, que em Nova-York levantam grandes fortunas, já financiando o crime organizado, que passou a ser uma nova industria, já sustentando o commercio illicito das bebidas condemnadas pela lei prohibitiva do álcool. Para manter o seu negocio, tem Maskal uma grande fabrica de cerveja. Os seus agentes distribuem o producto e cobram dos revendedores uma grande parcella dos lucros. Quem não se sujeita a taes imposições, cae logo no desagrado de Maskal, e um dia "desapparece" do rol dos vivos.

O velho Cooley, capataz de alguns distribuidores de cerveja, tem uma enteada, chamada Nan, em quem o chefe Maskal, secretamente, de ha muito tem os olhos. Será coisa de umas falas com o padrasto, e a pequena será delle. Que importam a Maskal as suas muitas amigas? Uma pequena como Nan vale um milhão de dollars e uma casa separada, onde o "rei da cerveja" possa ir reclinar a cabeça e gozar um pouco daquella mocidade bizarra e tentadora.

Numa visita ao parque de diversões de Coney Island, Nan faz amizade com o Kid, um rapagão de dois metros de altura, empregado de uma barraca de tiro ao alvo. O Kid é o melhor atirador da cidade, e quando sae com a pequena, costuma ir pela barraca dos outros a dar tiros em patinhos de barro e a ganhar premio para a sua namorada. Não perde um tiro! São bonecas, elephantes, jóias baratas, vidros de extracto os premios que Nan recebe. Depois, o genio do Kid, sempre serio, dá tão bem com o de Nan, seria por natureza, que os dois se fazem para logo os melhores amigos.

O Kid tinha trabalhado num circo de cavallinhos, tinha sido marinheiro, moço de serviço num hotel, e agora era caixeiro no "barracão de tiro ao alvo". Esse emprego, porém, não lhe dava senão para viver e mal. Por isso, um dia, ao passearem pela praia, suggeriu-lhe Nan entrar para o negocio de cerveja. O padrasto arranjar-lhe-ia emprego se ella lh'o apresentasse. O Kid já lhe falara em casamento, porém Nan não via como casar com um homem ganhando tão pouco.

— Montando potros bravos e dando tiros ao alvo não te has de fazer rico... Porque não vaes trabalhar com Pop, no negocio da cerveja, onde ganharias muito mais?

— Se gostasses de mim de verdade, casarias commigo amanhã, mesmo que eu não tivesse dinheiro, como não tenho...

A observação romantica do rapaz não vae bem com

Cynismo!

as ideas da namorada, mas nem por isso se zangam. Marcam uma nova entrevista, e Nan volta para casa.

* * *

— Onde andaste, rapariga? pergunta-lhe o padrasto. Estiveste com o namorado, heim? Olha, preciso ir á casa de Blackie, e quero que fiques aqui... Temos de fazer uma entrega de cerveja, e é sempre bom estarmos de olho com a policia...

Pop Coolley sae para a casa de Blackie, um dos agentes de confiança de Maskal. Ao ir virar a esquina, depara-se-lhe uma scena á porta de Blackie. Maskall, que ia sahir, dá um beijo na amiga do outro, que o viera trazer até a rua. Blackie, porém, resente-se do atrevimento:

— Não o leves a mal, homem; foi apenas um beijo de "boa noite"... explica Maskall ao enfurecido companheiro de roubalheiras.

— Um *beijo de despedida*, para ti e para ella, has de ver... Pensas que porque és chefe do grupo...

— *Sempre amigos*, Blackie, diz-lhe Maskall estendendo-lhe a mão.

O outro recebe o cumprimento, mas bem sabe que esse "sempre amigos" é a senha da morte. Sempre que o chefe dirige essa phrase a alguma pessoa, saem-lhe na sombra os seus sequazes e o homem desapparece...

Pop recolhe-se na esquina, e depois, simulando que vem de longe, encontra-se com Maskall. Vae passar, quando o chefe o chama:

— Olha aqui, Pop: Se alguma coisa acontece a

(conclue noutra parte da revista)

Elle sabia que ella estava innocente.

Accusava-o como autor do crime.

A mulher póde «flirtar», casar, divorciar e tornar a casar. Mas o seu coração dará guarida apenas a um unico e verdadeiro Amor.
SERA' VERDADE?
"AMAR, SÓ UMA VEZ..."
PAUL LUKAS
ELEANOR BOARDMAN
GEOFFREY KERR
BREVEMENTE
NO
IMPERIO
Paramount Pictures

QUATRO DOS PRINCIPAES FORMIDAVEIS FILMES QUE MARCARÃO ÉPOCA NO ANNO DE 1932

DISTRIBUIÇÃO MATARAZZO

DIRIGIVEL

(Columbia Pictures)

JACK HOLT — RALPH GRAVES
FAY WRAY

Uma espetacular e viva piturização da batalha do Homem desafiando a Morte, contra os elementos do Polo Norte e a luta de uma mulher desalmada contra as forças do Amôr e da Vida.

CIMARRON

(Radio Pictures)

RICHARD DIX — IRENE DUNNE
ESTELLE TAYLOR

A alma e o coração de um povo poderoso no cadinho de um drama que marca a Genese das Grandes Cidades...

ALOHA

(Tiffany)

RAQUEL TORRES — BEN LYON

O drama de uma mulher exotica, apaixonada e béla — alijada do Paraiso do Amôr — porque não soube compreender o SIM e o NÃO da Civilização...

O 4.º DE INFANTERIA

(West Front 1918)

(Nero-Film)

O mais real, o mais impressionante e o mais vigoroso filme de guerra! Tudo quanto até hoje foi escrito e mostrado sobre a Grande Guerra, nada representa deante do que este filme vos fará ver e ouvir!

UMA NOITE DE NATAL

De ZELIA MOREIRA

O homem empurrou violentamente a porta fechada apenas com o trinco, e penetrou na pequenina sala, fracamente illuminada pela luz de uma lamparina agonizante.

— Maria Helena!

Assustada, a mulher voltou-se e ficou a olhál-o assim... admirada...

Um raio que lhe cahisse aos pés, talvez não lhe causasse tanto pavor.

E, com o olhar relampejando de colera e piedade, perguntou:

— Por que voltaste? Não sabes que na nossa imaginação o teu vulto já não existe? Não devias ter vindo.

— E' que... eu tive saudades. Quiz rever esta casa onde fôra tão feliz, e, — baixando a voz — quiz rever minha filha.

— Tua filha não sabe que és vivo ainda. E si a deixaste pequenina, sem vintem, entregue, apenas, aos cuidados de uma pobre enferma, foi porque não a amavas. Não! Não devias ter voltado...

— Mas hoje é Natal; é o dia que se passa com a familia...

— Para aquelles que amam a familia, sim. Mas tu não a tens mais. Abandonaste-a numa tarde de junho, já ha quatro annos, lembraste-te? Por que não voltaste no Natal seguinte, nos outros? Eram elles, tambem, o dia que se passa com a familia.

— Não ironizes, Maria Helena! Tem piedade. Ao menos pela santidade do dia de hoje. Ha, muito que eu desejava voltar, mas temia o teu desprezo, a crueldade de tuas palavras. Desta vez, porém... não pude supportar ao desejo de vêr minha filhinha. Pensei. Hoje é Natal. Os lares estão em festas, é o dia de Jesus Menino e eu tenho em casa um meni no Jesus tão lindo... Por que não adorál-o, si hoje é o seu dia? Maria Helena é bôa, sempre o foi, e não me negará esta felicidade... Foi por isso que eu vim.

— E'; mas te enganaste. Depois que me deixaste, aprendi a ser má. Não tenho coração: tu o mataste com aquella traição. Não, não verás a menina.

— Oh! Maria Helena... Tem piedade! Eu sei que errei, que fui máo, que fui perjuro, mas ella é minha filha, amo-a bastante e não quero partir sem beijál-a.

— ...

— Não me faças soffrer hoje que é o dia maior do anno, o de maior felicidade para os paes e para as criancinhas... Deixa-me vêl-a! Quero beijar-lhe os pézinhos mimosos... Ah! lá estão os seus sapatos á espera do Papae Noel.

* * *

E, como um doido, o homem chorava, abraçado aos sapatinhos...

Maria Helena não se queria deixar vencer. Precisava ser forte, continuar naquella indifferença.

— Vamos, homem, nem mais um minuto. Si a menina acordasse...

— Espera, Maria Helena. Apenas o tempo de eu ler o pedido que ella faz a Papae Noel.

E, tremulo, desdobrou o papelsinho que se achava dentro do calçado da filha, e poz-se a ler, em voz alta, a cartinha infantil:

UMA NOITE DE NATAL

(Continuação)

"Papae Noel. — Hoje é o dia que você desce do céo para visitar as crianças bôas. E eu fui sempre bôasinha: nunca desgostei a mamãe, nunca chorei pedindo comida quando sabia nada ter em casa, mesmo que tivesse morrendo de fome. Por isso, eu penso que você não se ha de esquecer de descer pela chaminé da nossa casinha e pôr nos meus sapatinhos rasgados uma coisa qualquer.

"Mas escute, Papae Noel, eu não quero brinquedos nem gulodices. Você póde guardar o que fôr meu para o filho do carvoeiro da esquina. Elle não tem sapatos, mas não faz mal. Você póde deixar em cima do fogão. Coitadinho! Elle é mais pobre ainda do que eu, mais infeliz porque não tem mamãe e seu pae está doente ha muito tempo...

"Mesmo eu não tenho tempo para brincar; preciso de ajudar a mamãe a dobrar as costuras, a guardar a louça, etc.

"O que eu quero, porém... o que eu quero, Papae Noel querido, velho amigo das crianças, é que você faça voltar o meu paesinho adorado que se foi embora quando eu era pequenina...

"A mamãe me diz, sempre, que elle morreu, mas, hontem, a filha da professora disse que vira o papae nas ruas da cidade. Contou-me, então, que elle nos havia deixado na miseria, partindo com outra mulher, muito má, que o queria tirar de mamãe.

"Faça o papae voltar. Elle foi máo, mas eu gosto tanto delle e tinha uma vontade tão grande de

(Continúa no verso da pag. seguinte)

AMABILIDADE CONJUGAL... — Levas muitos pacotes, Ernestina. Dá-me o guarda-chuva...

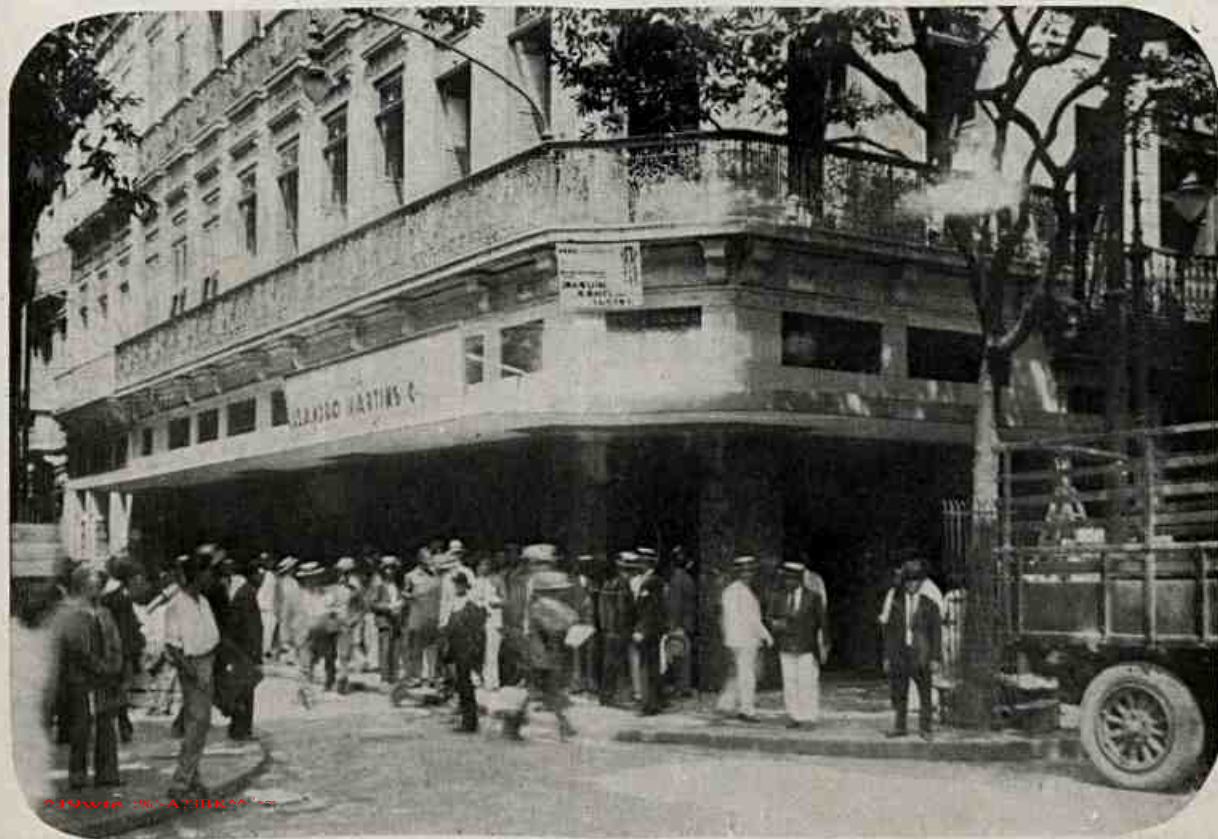
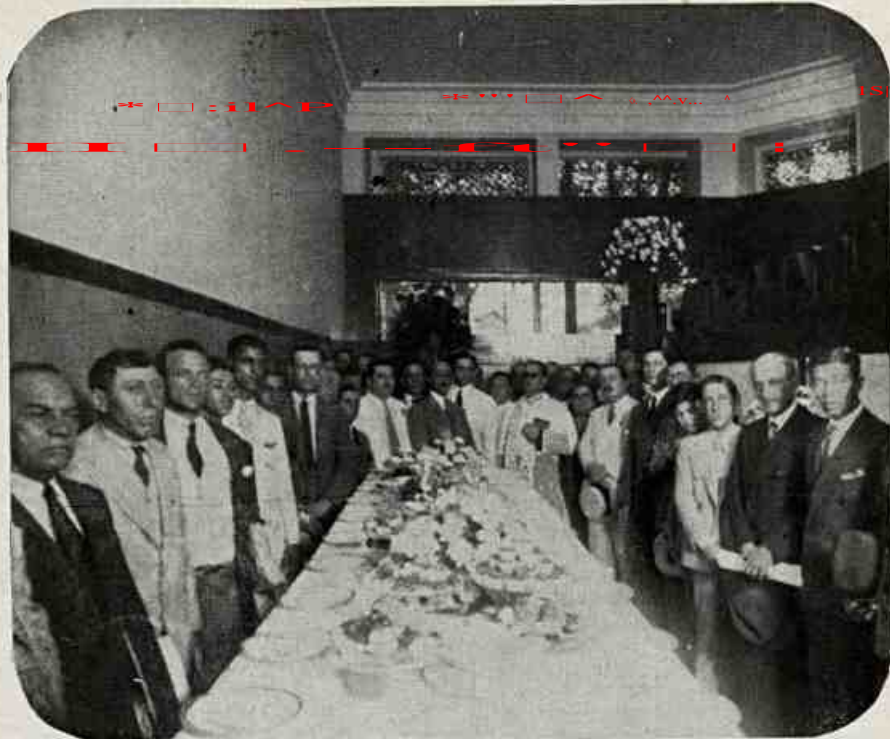
OS NOSSOS GRANDES ESTABELECIMENTOS

A Casa Guimarães é um estabelecimento tradicional desta capital, com 51 annos de vida e um prestigio solidamente construido em longa, proveitosa e honesta actividade commercial. Fundou-a em 1880 o sr. Francisco de Oliveira Guimarães, figura destacada na praça do Rio de Janeiro, e que soube organizál-a de modo a crear-lhe um conceito digno das suas tradições e do seu genero especial, que é a venda de bilhetes de loteria.

Ninguem, no Rio de Janeiro, e pouca gente no Brasil, desconhece a Casa Guimarães, que tem distribuido oiro, em sortes, por todo este grande paiz de riquezas ignoradas.

Por isso mesmo, constituiu um verdadeiro acontecimento da nossa vida civilizada a inauguração, no ultimo sabbado, da nova séde da Casa Guimarães, agora installada á rua do Ouvidor 50, esquina de 1.º de Março.

A capital da Republica deve esse melhoramento á gerencia proprietaria actual daquelle estabelecimento, digna e esforçada continuadora da obra de seu digno e operoso chefe, sr. Francisco de Oliveira Guimarães.

A cerimonia inaugural constou da benção das novas installações, dada pelo rev.º padre Francisco de Paula Azevedo, e a que se seguiu a parte mundana, sendo, então, servida aos convidados lauta mesa de doces e bebidas finas, e fazendo-se ouvir diversos oradores, em brindes expressivos aos chefes da Casa Guimarães.

UMA NOITE DE NATAL

(Conclusão)

que elle viesse morar commosco... Todas as meninas do collegio têm pae, velho Noel, e eu quero ter o meu tambem...

"Adeus! Com um beijo agradeço o presente que lhe peço nesta grandiosa noite de Natal. — *Lena*.".

Louco de alegria, ébrio de felicidade o homem exclamou, sorrindo:

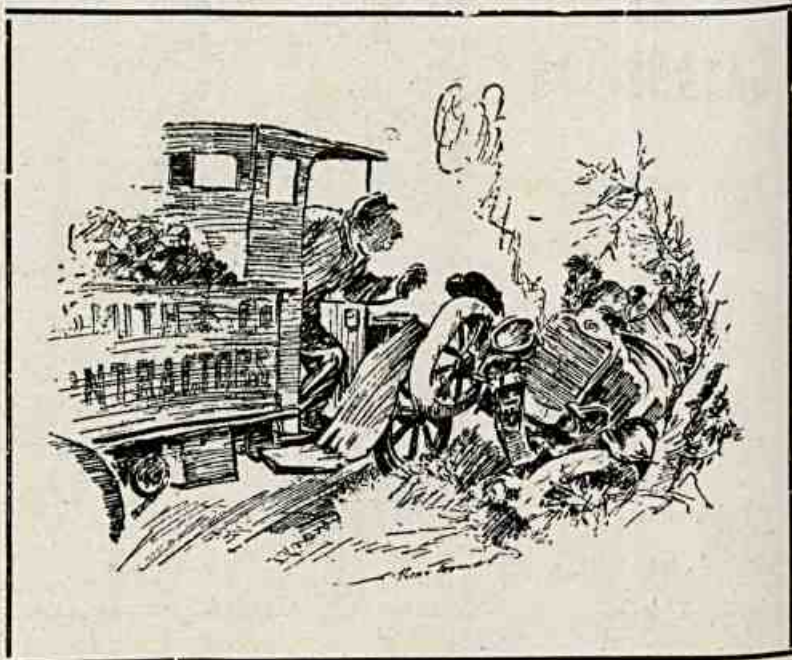
— Maria Helena! Minha Maria Helena! Tu agora não poderás negar que eu a veja, quando ella propria é quem pede aos céus, na sua doce innocencia, que eu volte! Ella crê, com toda a pureza de sua alma, que o Papae Noel existe, e não devemos deixar que essa crença se desfaça. Deixemos que a sua primeira illusão se torne em realidade... E' tão triste a morte de uma illusão, minha mulher... não deixemos que desde já a nossa filha conheça essas desditas. Agora tu consentes, não é, Maria Helena?!...

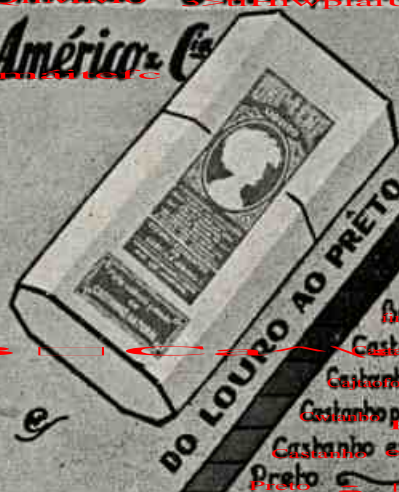
A esposa chorava.

O pedido innocente da criança fizera mover, de emoção, todas as fibras de seu coração materno, e, tão commovida estava, que apenas tivéra voz para murmurar:

— Fica...

Nisto, a Helena pequenina abriu vagarosamente a porta do quarto e, ao vêr a mãe abraçada áquelle homem, sorriu e, na sua vozinha infantil, que parecia mais um chilreio de ave, murmurou para si:

— Deve ser este o passinho que Papae Noel mandou aos meus sapatos...

RAZÃO ESMAGADORA. — O "*chauffeur*" do caminhão (*alarmado*). — Meu amigo: não diga nada do que se passou, porque me poriam na rua...

Tinja seu CABELLO com
ORF-LÊNE
LIQUIDO VENDE SE NO
Instituto Physioplastico
Américo & Cia
TINJE CABELLO BRANCO ou GRISALHO NAS SEGUINTES CÔRES
Louro
Aromeado claro
Castanho claro
Bronzeado escuro
Castanho natural
Castanho bronzeado
Castanho pouco escuro
Castanho escuro
Preto
DO LOURO AO PRÊTO
DO PRÊTO AO LOURO
rua Sete de Setembro 86-1º and
Os cabellos tornam-se lindos sedosos e podem ser passados no indefrisavel porque este liquido não enfraquece o cabello.

A VELHINHA DO ASYLO *(continuação)*

co, como si fossem namorados, conversava... Resuscitava amores de dantes... confidenciavam aventuras passadas... procuravam-se numa extrema attracção platonica de sexos?

Perto, um velhinho de mão tremula riscava a areia com uma bengala. Um nome? De quem? Desenhos, algarismos?... Talvez... Algum professor que terminava os dias comendo o pão da caridade emquanto os discipulos triumphavam lá fóra...

Adeante, uma velhinha toda encurvada, de saia de xadrez, endireitando um canteiro... tirava uns jasmins... cheirava-os, punha-os nos cabellos... A vaidade feminina, mesmo com aquelle busto vergado e as gengivas nuas...

Duas outras, prescindindo dos oculos de neve, faziam trabalhos de costura... Não de crochet... Sapatinhos de lã para vender... Aquellas mãos que a idade arrefecia tecendo agazalhos dos pezinhos que iam entrar no mundo...

Uma octogenaria de olhar infantil com uma boneca no collo... Desejos de uma maternidade que lhe não fôra concedida ou saudade de uma filha que hoje vivia longe?....

Dois velhos passeando e discutindo... Calorosos, mãos agitadas, cabeças movendo-se... Politica antiga? Quem sabe?... Um conservador e um liberal do segundo imperio...

Aquelle outro, isolado, num banco, de perna trançada e cachimbo na bocca, parecia reger invisivel orchestra...

Grupo de quatro a jogar cartas numa taboa que lhes descançava nos joelhos.

Em todos certa quietude espiritual, certa resignação, certo ar de alegria. A pouca alegria dos céos neblinosos... Quando nos fomos aproximando, o acolhimento de Paulo Thomaz era de muito affecto. Uns diziam-lhe adeus com as mãos... outros vinham abraçál-o... outros cumprimentavam-no de cabeça... Sempre com um sorriso... Um ancião, muito tropego, quiz fazer-lhe uma consulta... As pernas doiam-lhe muito... Não pregára olhos á noite...

— Lá dentro, meu amigo... daqui a pouco... deixe estar, ha de melhorar...

Iamos caminhando por entre roseiraes.

Novos aspectos, novas caras... Até que numa volta, perto de

(Conclúe na pagina seguinte)

UM MONSTRO ENTRE NÓS!

— Você está ruinzinho companheiro! Com essa cara, você nunca será nada na vida.

— Pois é. Eu mesmo vejo que estou dando para traz. Já estou amarello, igual a ovo frito. Sinto preguiça para tudo, e, agora, para maior desgraça, só tenho vontade de comer terra... Não posso atinar com que diabo me entrou no corpo...

— Isso é opilação, homem de Deus. E você será um grande idiota, se não tomar quanto antes, a Panvermina. Eu estava peor do que você, e veja agora como fiquei, em poucos dias, com estas côres lindas de maçã da California, e sinto um appetite de comer e trabalhar que seria capaz de virar o mundo.

— Mas isso não é ruim de se tomar?

— E' sopa... A Panvermina vem em globulos de gelatina, facillimos de engulir, não tem sabor, não causa vomitos, e dispensa purgante.

N. da R. — A opilação é, depois da syphilis, o maior flagello dos brasileiros. A bôa saúde só se consegue com os intestinos limpos de vermes. A Panvermina opera esse milagre. E' de resultado rapido e seguro na extincção desse monstro, o verme, nos adultos e nas crianças.

lindissimas rosas-sangue, vimos uma senhora de aspecto distincto, de vestido preto com seu quê de elegancia, mas antigo, e uma expressão de incontida magoa no rosto não muito maltratado pela velhice. Sentava-se num banco do parque e tinha no collo, como em

A VELHINHA DO ASYLO

(Conclusão)

leitura interrompida, para meditar, um livro de orações.

— Aquella parece isolar-se... Por desgosto ou por orgulho?... Tem um aspecto differente dos outros indigentes...

Paulo Thomaz não me respondeu. Acercou-se da asylada.

— D. Naninha, como tem passado?

— Oh! que milagre! Não tem apparecido, dr. Paulo!

— Felizmente aqui não se gosta muito da visita do medico...

— Mas se gosta da do amigo... Nós lhe queremos muito bem...

— Sei... sei... E não mereço...

— Ora, não merece!... Tinha que vê!...

A senhora sorriu doce e tristemente, mostrando dentes ainda perfeitos. Mirava-lhe as mãos esguias, sedosas, enrugadas... Mirava-lhe o rosto, alvo, de que a idade não roubára de todo a formosura antiga. E da sua physionomia, dos seus cabellos brancos, da sua vóz, das suas maneiras, nascia-me a certeza de ter em minha frente uma dessas velhinhas adoraveis de bondade, de sacrificio, de ternura, que são a reliquia de um filho, de um neto... E pena me era vêl-a assim acabar num asylo sem familia... Perdêra todos os seus, de certo...

Ella rolava o livro de orações hesitante, como quem deseja dizer qualquer coisa em segredo a Paulo Thomaz. Consulta medica, pedido de dinheiro... Para não ser indiscreto, afastei-me a pretexto de ver umas rosas... Não tanto que não ouvisse a sua vóz pouco baixa:

— Tem visto o meu "povo?"

— Ainda hontem...

— Ah!... Todos bons?

— Sim... Deram até uma festa... Os annos de Marianinha...

Levantei a vista, intrigado, curioso.

— Marianinha... "Me" lembrei... "me" lembrei... fez 19 annos... Uma moça, hein?

O medico affirmava com a cabeça o estar a filha dos Monturvo uma moça. A velha calou-se. Vi que chorava mansamente. Paulo despediu-se.

— Uma ama de criação de Marianinha... — pensei.

E já longe, sem me conter, indaguei:

— Quem é?...

O meu amigo respondeu:

— A mãe de Adelino Monturvo...

Dei um passo atraz para vêr melhor a cara de troça de Paulo, porém elle estava sério e triste, concluindo:

— A mãe de Adelino, sim... Uma senhora bondosissima... O filho botou-a para fóra de casa, porque a mulher e a filha não gostavam da velha... E ella veiu internar-se aqui como indigente...

DOR?

GUARAINA

ARTIGOS ESPECIAIS
D'ALGODÃO, LINHO E SEDA
PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR . D M C.
UNHAS PARA COSER . . . D M C.
ALGODÕES PARA PASSAJAR D M C.
SEDA PARA BORDAR. . . D M C.
SEDA ARTIFICIAL . . . D M C.
ALGODÕES PERLÉS . . . . . D M C
ALGODÕES PARA TRICOT D M C
CORDONNETS . . . D M C
FIOS DE LINHO . . . . . . D M C
TRANÇAS D'ALGODÃO . . . D M C

DOLLFUS - MIEG & Cie. SOC. AN.
MULHOUSE - BELFORT - PARIS

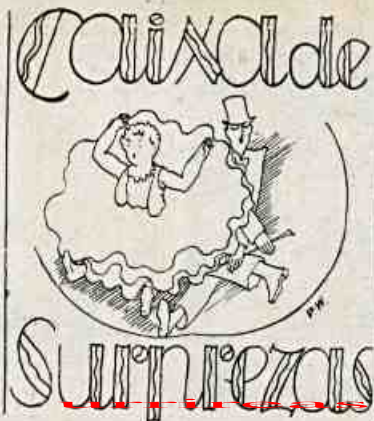
Os productos da marca D M C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora

CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM

TOSSIA HORRIVELMENTE
MAS GRAÇAS AO MILAGROSO
JATAHY PRADO
CONSEGUI FICAR ASSIM

COMPLETAMENTE CURADO

CRUELDADES DE OUTRORA — O relogio astronomico da cathedral de Strasburgo é uma verdadeira maravilha. Segundo reza a lenda, porem, o conselho da cidade para que o artista, autor daquella obra-prima, não pudesse fazer outra semelhante, mandou arrancar-lhe os olhos!

E' curioso notar que em muitos logares onde ha um grande monumento, a lenda sempre refere que foram arrancados os olhos ao esculptor ou architecto da obra.

Isso, segundo a lenda moscovita aconteceu tambem ao architecto que construiu a cathedral de S. Basilio, — que segaram por ordem de Ivan o Terrivel.

* *

RUAS SEM NOME — Na Allemanha existe uma grande cidade, cujas ruas não têm nome. E' Maunheim, onde se designam os quarteirões pelas letras A. K., na parte oeste, e L. W., na parte este.

Quando esta indicação é insufficiente, junta-se-lhe um numero.

* *

A PRIMEIRA MACHINA INFERNAL — Em 1587, um parisiense chamado Malabre inventou uma pequena machina infernal para vingar-se de um tal Allegre que lhe havia feito qualquer mal.

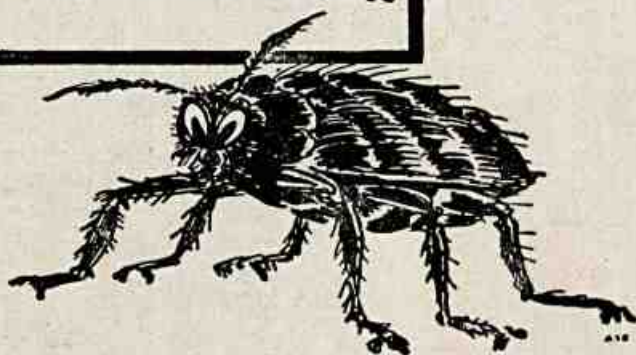
A machina consistia em um pequeno cofre contendo trinta e seis projectis que — por meio de uma engenhosa combinação — deveria explodir quando se lhe abrisse a tampa.

O cofre foi enviado por um mensageiro com uma carta falsa firmada por um amigo de Allegre.

Este, com a explosão que se produziu quando abriu o cofre, ficou gravemente ferido, mas não morreu. O criminoso inventor logo depois foi descoberto e condemnado á morte.

* *

O LAPISLAZULI. — E' um dos mineraes mais antigos, conhecido já ha seis mil annos. Encontra-se na Persia e no Afganistan e apresenta-se sob a forma de blocos que pesam de 1 a 6 kilos.

O lapislazuli é utilizado na joalheria para se fazerem collares, pulseiras, anneis, etc. Apesar de seu custo relativamente baixo, não está muito vulgarizado.

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
Dr. EDUARDO FRANÇA
PREÇO
4$000
DIGA COMNOSCO
LU GO LI NA
Dr. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SÁ, 72 A 76 PHONE CENTRAL 2827
DEPOSITARIOS DA
LUGOLINA E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

Xarope de maçãs do
Dr. MANCEAU
Laxativo
Anticatarrhal
especialmente
para crianças
DEPOSITARIO GERAL PARA O BRASIL:
RAUL M. RIBEIRO

JACOB

(Recordações do Natal do anno de 1870)

De ANDRÈ THEURIET

No dia 15 de dezembro de 1870, nosso batalhão de mobilizados foi acantonar nas avançadas de Vitry, sobre o Sena. Encontrámo-nos alojados em uma rua que vae do caminho real á igreja, não longe da fonte, cuja taça de pedra servia para nossas abluções matinaes. Ignoro si a casa sobreviveu ás peripecias do logar da Comuna, pois era muito antiga e estava bem arruinada quando o batalhão se installou nella, e, ao partir, a deixamos em um estado deploravel. Era, segundo creio, um antigo deposito de vinhos, com amplas cocheiras, e pavimentos irregulares, servidos por uma escada tortuosa. A chuva penetrava alli como em sua casa, pelos buracos do tecto. As portas, esbandalhadas, já não fechavam, e os crystaes estavam feitos pedaços. Pouco importava: nossa companhia installou-se alegremente nos aposentos do primeiro andar que lhe havia sido designado. Começando por supprimir um tabique para transformal-o em uma ampla quadra, os soldados taparam as janellas com jornaes velhos, e foram ao parque vizinho buscar lenha verde para a chaminé, que ardia noite e dia. Nossa companhia estava singularmente composta. Offerecia em ponto pequeno a imagem do batalhão, onde se achavam congregados os elementos mais heterogeneos. Estava em primeiro logar o cabo, moço açougueiro. Depois um professor de philosophia, que sahira no anno anterior da Escola Normal. Um paizagista enfezado, que resmungava constantemente. Um amanuense de cartorio. Um ex-actor do theatro Montparnasse, que se transformára em nosso corneteiro. Um socialista teimoso e fanático, que era designado para as funcções culinarias. Afinal, um rapaz de trinta annos, suave, timido e melancolico, que se chamava Jacob. Naquelle ambiente alvoroçado e sem disciplina, Jacob representava o homem do dever, pacientemente submettido a todas as exigencias do serviço, limpando conscienciosamente seu fusil, cumprindo sem vacillar as ordens de seus superiores, fazendo escrupulosamente sua fachina e até a dos outros. Toda aquella gente heterogenea vivia em relativa bôa harmonia, e desde a noite da installação nos propuzemos transformar o triste albergue que nos coubéra por sorte em uma habitação no possivel tão confortavel como hospitaleira. Não nos deram tempo de desfructal-a bem. No dia seguinte, nos mandaram de avançada para as trincheiras.

Partimos depois do café, sob uma chuva fina e gelada, que promettia durar todo o dia. As avançadas se achavam no meio do caminho de Vitry e Choisy-le-Roi. Atravessava-se um antigo parque, cujas arvores seculares, derribadas pelo batalhão de engenheiros, obstruiam as avenidas. Depois se cortava em diagonal um extenso prado e se chegava ás trincheiras, não longe do Sena, a dois passos de um reducto recentemente construido. Alli nos distribuiram no fosso, protegido, do lado do inimigo, por um revestimento de terra, e onde nossos antecessores haviam construido, de distancia em distancia, choças de ramos que nos defendiam apenas da chuva. Não era precisamente um logar agradavel, e nos parecia que as horas se arrastavam como si tivessem chumbo nas azas. Além do mais, nada tinhamos a fazer além de permanecer levantados com a arma aos pés com prohibição de falar em voz alta, fumar e accender fogo. Nossa única distração consistia em ouvir, de vez em quando, o zumbido de mosca de uma bala que vinha das avançadas prussianas e que passava sobre nós pelo ar humido. Durante o dia aquillo foi insupportavel. Mas, á noite, nossa situação se aggravou com todas as pequenas miserias que a escuridão traz comsigo, quando não é possivel nem passear nem sentar-se. O céo tinha uma côr de tinta negra, a chuva cahia sem cessar, o fundo do fosso se transformára em um charco, e a escarpa estava tão molhada, tão cheia de lama, que só nos atreviamos a apoiar-nos nella para desentumescer nossas pernas doloridas. Accrescente-se a isso o martyrio do somno, que nos cahia sobre as palpebras e ao qual, quizessemos ou não, tinhamos o dever de resistir. Involuntariamente, os olhos se nos fecharam e nos entregámos a uma somnolencia de alguns minutos, de que nos despertávamos de repente por um tiro que vinha não se sabia de onde, e que alarmava toda a fila de soldados nervosos e sem experiencia.

Pouco a pouco se restabelecia o silencio, e nos deixavamos vencer por outra modorra, até que um novo alarma nos fizesse estremecer na lama. Começávamos todos a renegar. Só Jacob, durante a primeira parte da noite, se mantivéra em attitude estoica. Apoiado em seu fusil, com a cabeça firme e as costas arqueadas, mordia com raiva um pedaço de biscoito velho. Mas as naturezas mais concentradas são, tambem, as mais explosivas. E, por volta das quatro da manhã, calado até os ossos, tiritando, enervado, já sem forças, o suave Jacob estalou com violencia. Deixou cahir o fusil, arrancou dos hombros a mochila, atirou-a na trincheira enlameada e, com os punhos mettidos nos olhos, prorompeu em ruidoso pranto.

— Estou farto! — gritou, entre soluços convulsivos. — Não o posso remediar!... Sempre cumpri com meu dever... Nunca falei mal do governo. Mas, quando penso que deixei em Paris, sem lume e sem companhia, minha velha mãe... Eu sou seu unico arrimo... Emquanto exerço este officio inglorio, talvez ella esteja morrendo de fome, lá... E quando penso que só voltarei invalido ou enfermo... Ah, quizéra vêr aqui todos os que nos trouxeram esta guerra!... Quizéra vêl-os tiritar de frio, na lama, e supportar o que eu soffro!

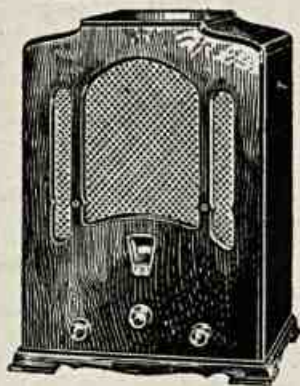
Soluçava com violencia, e todos, emocionados, escutavamos o pobre rapaz, que desabafava sua queixa na noite chuvosa. De repente, sahindo da escarpa, uma voz colerica e brutal interpellou o infeliz Jacob:

— Olá! Que diabo estás fazendo? Cabo da guarda, quem é esse homem?

— E' Jacob, meu capitão... Está enfermo.

— Enfermo? Está ébrio como um polaco!... Quando voltarmos ao acampamento, terá quarenta e oito horas de prisão!

Jacob cumpriu suas quarenta e oito horas de prisão. E quando voltou estava mais triste e mais pallido do que antes. No intervallo havia começado a gelar. Era o inicio daquelle frio terrivel que se assignalou nos ultimos dias de dezembro do anno de 1870.

Apesar do fogo de chamma que conservavamos na quadra, tiritavamos de noite sobre os colchões em que nos deitavamos, e mal podiamos dormir. Jacob era meu vizinho de cama, e eu o ouvia tremer sob sua delgada coberta. Quando cochilava um instante, era para sonhar em voz alta com o pequeno alojamento da rua das Missões, onde deixára sua mãe. Depois o canhão de Bicêtre, que não se calava nem de dia nem de noite, o despertava, sobresaltado, e elle novamente batia os queixos, castanholando os dentes. Na vespera de Natal, a neve cobria toda a planicie de Vitry, e

RADIOS

DISCOS CLASSICOS

PHONOGRAPHOS

AO PINGUIM

121, OUVIDOR — 2-9223

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

AVENIDA RIO BRANCO, 134 1.º E R. 7 SETEMBRO 166

COIFFEUR POUR DAMES, ONDULAÇÃO permanente (para sempre), com o RODAL ondulante e ELOSMENY Marcel e Mise-en-plis (á agua), pintura de cabello desde 25$; córte de cabello de luxo, 4$; Sobrancelhas ou Manicure, 5$. Massagens de Grande Belleza contra rugas, cicatrizes de espinhas e de bexigas, manchas, sardas, verrugas, pontos pretos, poros e capillares dilatados, pelle secca augmuda. Tratamento de Seios, Ventre, Pellos, Varizes, engordar ou emmagrecer, enrigecimento das carnes, MASCARA de lama com Limpeza de pelle para fechar os póros, e capillares, 15$. PEDICURE. Use diariamente, em Massagem e na toilette, Cremes, Agua, Rouge e Pó d'Arroz Rainha da Hungria.

Peça catalogo gratis.

As Desordens dos Rins

PARALYSAM O CORPO

O Rheumatismo é uma das peiores doenças. Começa endurecendo os musculos e paralysando as juntas, atacando as cadeiras, augmentando de tal forma até prostral-o na cama, ou impossibilital-o de suas occupações diarias. Além disto, o excesso de impurezas no sangue pode fazer sentir suas terriveis consequencias no coração.

O Rheumatismo, com as suas dores mortificantes, pode ser causado pela existencia de bacterias e impurezas no sangue. Realmente é missão dos rins eliminar do sangue todas estas impurezas. Quando, porém, os rins falham na sua principal funcção, as impurezas são arrastadas pela circulação do sangue a todas as partes do corpo, provocando as dores que excitam os nervos. Veja o seu medico e consulte-o sobre as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, o tratamento que tem a formula impressa na caixa.

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga fortificam os rins e limpam as vias urinarias livrando o organismo de certos venenos. Compre um frasco de Pilulas De Witt e comprovará as suas boas qualidades. São recommendadas pelos medicos para combater todas as formas de Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Acido Urico, Desordens dos Rins e da Bexiga.

Está V.S. atacado por estes males?

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M.). Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

SEGUIU VIAGEM

Os Srs. Lima & Irmão, negociantes em Campo Mayor (Piauhy), declaram que seu parente, de nome Miguel Ximenes, curou-se radicalmente de uma terrivel bronchite asthmatica, de que vinha soffrendo desde muito tempo, com o uso continuo de quatro frascos de

PEITORAL DE CAMBARÁ

de [illegible] Soares. Isto depois de haver usado muitas outras composições aconselhadas para tal fim, sem o minimo resultado. Hoje, felizmente, o nosso parente e amigo acha-se radicalmente curado, pois seguiu viagem para o Estado do Amazonas, afim de continuar alli os seus negocios.

(Firma reconhecida).

A' VENDA EM TODA PARTE

DEBILITADOS ANEMICOS FEBRIS

A Saude por meio do

FERRO QUEVENNE

O MAIS EFFICAZ E O MENOS CUSTOSO

Uma medidasinha a cada refeição

FER QUEVENNE: 26, Rue Petit SAINT-DENIS (FRANCE)

como era para nós dia de descanso, nos promettiamos passar a noite docemente em torno da nossa chaminé. Nosso cozinheiro, o discipulo de Blanqui, arranjára farinha e nos promettia bolos para a noite. Por volta das oito, estavamos preparando a massa e fumando nossos cachimbos, quando o sargento furriel entrou bruscamente na quadra, dizendo:

— Todo mundo de mochila no hombro e dentro de um quarto de hora na praça!... Marcha-se para as avançadas!... Ordens do estado maior!...

Primeiro houve um concerto de

J A C O B

(Conclusão)

murmurios e recriminações. Depois, se obedeceu, porque não se podia fazer outra coisa. Procedemos apressadamente á arrumação e, deixando perto do bom fogo os bolos sem terminar, descemos armados á praça. O pelotão se formou, e na escuridão atravessámos, tropeçando, a planicie inteiramente branca. A neve havia cessado, o céo clareava e fazia um frio polar. Quando estavamos perto do reducto, se designaram as sentinellas, e o resto do batalhão fez alto sob uma barraca de taboas. Ainda estou vendo aquelle logar: o Sena gelado e mudo, o céo formigante de estrellas, e os homens agrupados em massas negras, á porta da barraca. Sobre a canhoneira ancorada nos gelos, um marinheiro bretão cantava só, na noite, uma canção de sua aldeia. Era a afflictiva e rústica melodia que subia lentamente na deliciosa noite de Natal. Jacob estava mais sombrio e mais triste que de costume. Como coroamento de suas quarenta e oito horas de prisão, o capitão lhe infligira quatro horas de facção supplementar, e sua vez ia chegar. Com effeito: por volta da meia noite, o cabo de guarda chamou o numero 8. Era o numero de Jacob. Elle foi sem murmurar, e o puzeram de sentinella avançada em uma especie de fojo excavado a vinte e cinco ou trinta passos além do reducto.

— Brrr! — disse o cabo, entrando na barraca e agitando as mãos. — Os homens de facção não vão sentir calor!

Na manhã seguinte, o sol de Natal levantou-se lentamente em meio de uma aureola de nuvens rosadas. A planicie nevada, toda coberta de branco, estava encantadora. Soou o clarim nos acampamentos, e os artilheiros do reducto se levantaram batendo os pés. Quatro cavallos arrastaram a peça que se destacava vigorosamente sobre o lençol branco da planicie. Apesar do frio boreal da noite e das preoccupações de cada um, havia algo de alegre e confortante naquelle despertar matutino em pleno sol. Um canhonaço partiu de Bicêtre e uma granada passou assobiando por cima de nós. Ao mesmo tempo, nosso corneteiro lançou no ar sonoro tres ou quatro notas claras. Era a chamada! Todo o batalhão formou em duas linhas, deante do reducto, e se passou em revista a companhia. Quando chegaram á nossa esquadra e gritaram "Jacob!", ninguem respondeu.

— Jacob! — repetiu, furioso, o commandante.

Notámos, então, a ausencia de nosso companheiro.

— Talvez tenha ficado em seu buraco! — insinuou o cabo.

Foram até lá, depois da revista. O cabo tinha razão: ali estava Jacob, no buraco, com o rosto azulado, os olhos cerrados, apertando com o braço endurecido seu fusil coberto de neve!

O pobre Jacob não pudéra resistir ao somno. Havia morrido gelado durante a facção supplementar.

Alegria de uma noite de Natal...

De CARLOS F. MARQUES

CHEGOU suando e carregado de embrulhos.

Carregado? Ora! Eram apenas dois. A illusão os fazia ver muito.

No emtanto, aquillo constituia o necessario para quatro pessôas humildes e frugaes: uma garrafa de vinho, uma bandeja de massas, e, no bolso, um pequeno cartucho de caramellos para a pequena e Robertinho.

— Uff! Que calor! Venham todos aqui — disse, ao entrar, e emquanto depositava os pacotes sobre a mesa de jantar.

— Papaesinho!... Papaezinho!...

Em seus braços robustos, elle ergueu seus dois filhinhos, falando-lhes alegremente:

— Hoje é dia de festa! Sabem que hoje é dia de festa, meus filhinhos? Sabem que hoje é Noite de Natal? Hoje nasce o Menino Deus, e por isso lhes trago doces... caramellos... e um vinhozinho doce de chupar os dedos... Mas vocês só pódem tomar um bocadinho, ouviram?... Não quero que fiquem como o Militão, o vizinho que vive embriagado... Santo Deus! Que vergonha!

Emquanto falava, elle beijava as pequeninas faces coradas. Depois, os collocou de novo no chão, e, tirando do bolso o cartucho de caramellos, adquirido *de graça*, e por ter comprado as massas e o vinho, o entregou á menina, que agitava as mãozinhas no ar.

— Toma. A metade é para teu irmãozinho, estás escutando? A metade é para Robertinho. Vão repartir direitinho.

Então Julia, a joven mãe, se aproximou do marido:

— Quanto gastaste, Pepe?

— Ora! Pouca coisa.

— Quanto?

— Dez mil reis apenas.

— Coitado! E de onde os tiraste?

— Ora! Digo-te que isto não tem importancia, meu amor.

— Sem duvida muito te sacrificaste.

— Nada disso. São pequenas economias que venho fazendo desde ha dois mezes somente.

— Dois mezes, Pepe?! Oh, meu Deus!

— Sim... Vou a pé para o serviço. Fumo, em vez de dois, apenas um cigarro. Afinal, outras coisas sem importancia.

— Coitado! Coitado de meu Pepe! Quantas privações para trazeres hoje alguma coisa para casa!...

O esposo olha a mulher, emocionado. Seus olhos se enchem de lagrimas. Oh! Ella não sabe que não é somente isso! Si o soubesse... Não foram dez mil réis o que elle conseguiu reunir. Foi muito mais: poude economizar cincoenta mil réis. Com o resto, amanhã darão um passeio de automovel, irão ao cinema e comprarão novamente massas e um pão de Natal.

Tem desejos loucos de dar-lhe a noticia grata, de fazêl-a ainda mais feliz. Mas se contém. Guarda a surpresa para o dia seguinte, para o dia de Natal. Por hoje, basta.

E, tirando o paletó, se poz elle proprio a ajudál-a pôr a mesa.

As crianças gritam, brincam, riem. Trituram avidamente os caramellos.

Elle estende a toalha sobre a tosca taboa da mesa. Uma toalha alva que ella preparou dias antes para essa noite tradicional. Põe os copos, os pratos, os talheres, e, alegremente, como uma criança deante de um brinquedo novo, colloca, no centro, a garrafa de vinho, cheia de etiquetas e de sellos.

O garçon. — Vae comer á la carta, senhor?

O freguez. — Não; vou comer no prato.

Ella dá os ultimos toques no jantar, no fogão economico, onde diariamente prepara os alimentos.

Afinal, terminados os preparativos, todos se sentam. Elle, contentissimo ao ver a alegria que proporciona áquelles a quem mais quer no mundo, abre a garrafa, cuja tampa sôa como um tiro. Em seguida, descobre a bandeja de doces, ante as exclamações de alegria das crianças, e todos começam, entre risos de satisfação, a tomar a sôpa limpa e saborosa que a mãe se esmerou em preparar.

Depois, os pasteis, os bombocados, as milanezas...

E riem, felizes.

Alternam as comidas com pequenos tragos de vinho.

E continuam rindo... e continuam satisfeitos...

Elle, então, não póde mais. Quer augmentar a felicidade que reina em sua casa: vae dizer á mulher e aos filhos que a festa proseguirá no dia seguinte, com um passeio de automovel pela cidade, uma sessão de cinema e outras distracções...

Mas alguma coisa o detém. Algo mysterioso lhe trava a lingua, e não o deixa dar a noticia, cujo effeito bem conhece.

Sua mão nobre e honrada penetra lentamente no bolso das calças: quer antes acariciar as notas que haverão de fazer a felicidade dos seus, no dia seguinte.

Mas, oh!... Lança um grito.

— Que ha?! Que tens, Pepe?!

— Papaezinho, que lhe aconteceu?

— Nada, meus filhos... nada... Quasi me engasguei ao tomar o vinho... Já... passou...

Sua mão se crispa no bolso. Mas, é possivel que tenha perdido o dinheiro? Oh, sim! Pois si elle não está no bolso!

Seu dedo descobre, com profunda dôr, um buraco...

E o homem, minutos antes feliz, fica triste, pesaroso, desolado: perdeu as notas que lhe deram de troco, na confeitaria, e com as quaes pensava amanhã fazer felizes sua mulher e seus filhos.

E vae falar. Vae dizer-lhes o que succede. Vae contar-lhes que perdeu os quarenta mil réis restantes dos cincoenta economizados com tanta difficuldade...

Mas se cala... Prefere soffrer elle só, e dá graças a Deus por não ter falado antes de verificar com os dedos a ausencia do dinheiro.

E procura sorrir, mas seu sorriso tem mais dôr do que alegria.

Os meninos e a mãe riem novamente, suppondo que aquelle grito foi produzido unicamente pelo vinho engasgando o pae. Ignoram a profunda dôr moral que atormenta aquelle homem.

— Isso é castigo por pretenderes beber demais... — sentencia ella, pilheriando.

E de novo a alegria desdobra suas azas sobre aquella gente humilde.

Os meninos saboréam os doces, gulosamente, e a propria esposa, ignorando a tragedia interior que tortura o companheiro, os imita, bebendo alguns tragos de vinho em seu copo de grosso vidro verde.

Todos riem...

Elle tambem, mas somente com os labios...

NATAL

Seara alheia

Ansiedade Eis me aqui mais triste, e desilludido, apesar da minha liberdade e da minha fama, fugindo de mim, fugindo das cousas.

A gloria não vale o que custa: é uma bolha de sabão que se desfaz com um sôpro. A liberdade?... Não existe. Somos escravos do nosso proprio coração, das coisas que nos rodeiam, das nessas mesquinhas realidades e, sobretudo, dos nossos sonhos...

Anseio por descançar, viver conforme a Natureza — Ter um lar, uma mulher, alguns filhos, um pouco de silencio e de paz, longe, bem longe deste inferno cheio de paixões, pequeninas, de vozerios estereis, de fingimentos e apparencias...

Mas, não o posso: impedem-me de fazel-o os interesses creados, os habitos adquiridos, meu proprio renome, e, tambem, essa covardia, que é um mixto de abolia e fatalidade, que nos opprime, que nos prende ao viver quotidiano mais que qualquer cadeia.

A felicidade não é coisa deste mundo. Mas, o amor o é. Um filho, só um filho basta para encher uma vida, para dar-lhe um sentido e uma missão vulgares, é certo. Onde, porem, começa o sublime e onde acaba o vulgar?... Não tenho liberdade nem ventura... se, ao menos, tivesse um pouco de amor sincero e humilde?... Tudo, em mim, é exterior, provisorio e adventicio... Quantas vezes meu coração tem-me saltado violentamente, no peito, ao ouvir o silvo agudo do trem?... E' o silvo enganador da vida que a todos chama e empurra, por caminhos differentes, para o mesmo fim. E' a *sireine* da vida, feita de paradoxos e contrastes, sempre a dizer: *mais alem, mais alem*... E' o vacuo da alma, nunca satisfeita, mendigando manjares desconhecidos, rumos novos, possibilidades peregrinas, muito embora sabendo que tudo é um — e o mesmo: confusão, miseria, conflicto, divorcio, desejar o desconhecido, ansiar pelo que está distante, desprezar o que está proximo, querer mais, sempre mais, até morrer... — RICARDO LEON

Gasta MENOS *gazolina!...*

ESSA é a qualidade primordial do Chevrolet 1931. De bella apparencia, o novo Chevrolet é tambem um automovel de custeio barato, pois, o seu motor aperfeiçoado é possante e consome menos gazolina do que outros carros maiores ou de sua classe. A prova é facil. Procure o Agente Chevrolet mais proximo e faça um passeio — sem compromisso de compra — para verificar a alta kilometragem - por - litro do Chevrolet 1931.

PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

"RUAS DA CIDADE"

(Conclusão)

Blackie, poderias chefiar a gente delle? O outro responde affirmativamente.

— Pergunto-te, continua o chefe, porque se elle desapparecer passarás a capataz do grupo.

Momentos depois, da casa de Blackie, fala Pop a sua enteada, pelo telephone: — Escuta, Nan. Vou sahir com Blackie... Espera-me na esquina, daqui a dez minutos, ainda que tenhas de quebrar um braço...

Uma recommendação muito natural, que mesmo se Blackie a tivesse ouvido, de nada suspeitaria. Emquanto isto, Aggie, a amiga de Blackie está toda chorosa, a soffrer pelas bordoadas que lhe deu a amante.

— Bateu-te, hein? pergunta-lhe Pop.

— Um dia m'o ha de pagar!

— E se chega a viver até esse dia?...

* * *

A scena é rapida e de funestas conseqüências. Blackie, ao sahir com o velho Pop, desconfia dos seus geitos e exige que lhe passe o revolver. — Não estou hoje para facilitar com ninguém... resmunga o mal-encarado sujeito, recebendo a arma.

— Mas, como queres que eu te proteja, como guarda-costa, se me tomas a unica arma que tenho? Não tens de que desconfiar de mim, Blackie... o chefe sabe que eu sou teu amigo e não te armaria nenhuma vingança servindo-se de mim...

— Falas a verdade? Posso confiar em ti, Cooley? pergunta o outro mettendo os olhos pelos olhos do velhôte, como a querer devassar-lhe a alma. Pois bem... aqui tens o revólver...

Pop pega da arma, e ante o horroroso espanto do outro, solta a phrase diabólica: — Sempre amigos, Blackie... Neste momento já tinha a arma contra o estômago do outro. Um grito de precaução, uma praga de raiva, e tres tiros rápidos... Blackie rola sem vida... Pop mette-se no auto que os trouxera. Uma pequena de preto (é Nan), com um braço a tiracolo, como se o tivesse partido, acerca-se do velho. E este, entregando-lhe a arma homicida: — Atira-a ao rio! O carro sae desabaladamente, porém Nan não chega a executar a ordem: cae nas mãos de um policia. Sendo encontrada com a arma assassina, trabalho perdido têm as autoridades para lhe tirarem o segredo, mas nada conseguem. Pop, chamado a depôr, "não sabe de nada; a essa hora estava em casa de Blackie, fumando, a conversar com Aggie". Não havendo provas reaes de haver a pequena morto o homem, apenas o policia que a prendera vira o homicida entregar-lhe o revólver, é a enteada de Pop condemnada a dois annos de cadeia e trabalhos penitenciarios.

Dias depois, encontrando-se com o Kid, Pop Cooley dá-lhe noticias de Nan. Está presa. A policia "mette-lhe um revólver na mão" para implicar na morte de Blackie... — Não queres vir trabalhar commigo? Poderemos arranjar um advogado e botar a menina na rua...

— Mas eu não tenho dinheiro, explica o rapaz.

— Vem trabalhar commigo. A cerveja dá dinheiro... Eu sei que és bom atirador... Toma, não é para matar ninguém — é só para a tu defesa... diz-lhe Pop mettendo-lhe um revólver na mão...

O rapaz tem um momento de indecisão. Elle nunca quizera acceitar a proposta de Nan para entrar para o *gang* da cerveja. Mas Nan está presa, elle precisa de arranjar dinheiro, precisa trabalhar com o padrasto para a soltar... Acceita.

* * *

Cumprida a sentença, porque nem Kid nem Pop puderam fazer nada pela liberdade da pequena, chega o dia da soltura de Nan. O Kid vae recebel-a, á porta da penitenciaria. Ao ver o rico automovel do namorado, espanta-se a garota. Mas elle lhe explica: — Estou trabalhando com Pop... A cerveja dá dinheiro, como vês...

— Oh, Kid! Antes queria que te não tivesse envolvido nisso...

— Mas tú mesma querias arranjar-me um emprego com Pop, lembras-te? Entrei para a turma e tenho gostado do trabalho...

— Não sei porque, Kid, mas tenho uns presentimentos... Agora, que por causa dessa gente passei dois annos na cadeia, estou bastante mudada...

O Kid leva Nan para o "quartel general", onde o Pop, como senhor de um grupo de contrabandistas de bebidas alcoolicas, vive a boa vida do dinheiro facil. O chefe Maskal, agora mais poderoso do que nunca, enthusiasma-se ao ver a pequena, hoje mais bonita e mais mulher. Manda logo arranjar uma grande festa, com musica, banquete e dansas, em homenagem da enteada de Pop. O Kid, que nenhuma suspeita tem das intenções do chefe, acceita o offerecimento como a elle feito, uma vez que todos conhecem o seu noivado com Nan.

Na noite da festa, que se realiza num dos mais ricos cabarets da cidade, lá está toda a *gang*: sujeitos de má catadura, capazes de tudo, a quem a capa dos smonkings e a roupa de etiqueta mal lhes amaina os semblantes patibulares. O chefe Maskal, assim que começam as dansas, tira Nan e não mais a solta. Ella procura escapar-lhe á louca insistencia, mas o cabecilha não a deixa. Por volta de uma da madrugada, o Kid consegue dansar com a namorada pela primeira vez, mas em meio da dansa vem Maskal e a quer tirar dos braços do rapaz. O Kid se oppõe. — Você tem dansado com ella a noite inteira. Esta é a minha vez! Maskal, que nunca se vê desobedecido sem tomar desforço immediato, chama uns seus sequazes á parte e dá-lhes ordem para despachar o Kid antes do amanhecer. Nan, que conhece a palmo a tactica de Maskal, insiste com o Kid para leval-a á casa e assim retiral-o da festa. Em casa, está a pequena a insistir com o noivo para não sahir, quando vem a creada avisal-o de que dois homens desconhecidos o procuram. Nan sabe que são os sequazes de Maskal, para o matar. Agarra-se ao Kid, pedindo-lhe que não saia. O rapaz, porém, já bastante irritado com a miserável acção do chefe, escapa-se por uma porta lateral e vae cautelosamente surprehender pelo lado opposto, a um automovel parado em frente da casa. Pela vidraça aberta, põe o Kid uma pistola contra o sujeito que tem na mão uma metralhadora, apontando para a porta da casa: — Rende-te, cachorro! O sujeito, sentindo o frio do cano da arma na nuca, não se move. — Atira para fóra do carro esta arma, antes que te mande para o inferno! Eu sou o Kid, ouviram! Agora voltem e vão dizer ao patrão que eu lhes poupei a vida, canalhas, para que lhe fossem dar a noticia de que o Kid ainda se defende!

Desarmados os sujeitos, obriga-os o Kid a ir embora. Nan, que sae neste momento, agarra-se ao rapaz, chorosa, pedindo-lhe para fugirem da cidade, ou Maskal os destruirá a ambos. O Kid, porém, que nunca fugiu de nada na sua vida, resolve ir falar ao chefe pessoalmente, e antes que a pequena lhe possa impedir o passo, toma o seu automovel e abala para o club. A festa está quasi finda quando o Kid lá chega.

— Onde está Maskal? interroga ao "cabo de ordens" do chefe. — Sahiu, a chamado de Nan... — A pequena resolveu entregar-se, hein? O Kid, ao ouvir isto, desanda-lhe um murro nos queixos que o põe por terra. E sem mais delongas, toma o carro e vôa para a casa de Maskal.

Nan, effectivamente, ao ver sahir o Kid, para evitar a tragédia, chama Maskal pelo telephone. — Lembras-te da promessa que me fizeste? Acceito-a, sim... Irei ter comtigo, em tua casa, daqui a dez minutos... O chefe, todo satisfeito, resolve ir para casa, onde Nan deve estar á sua espera. A meio do caminho, porque o acompanhe Aggie, a antiga amiga de Blackie, que com elle vive, enxota a mulher do carro para fóra. Esta, porém, recusa-se. Entrando em casa por uma porta do lado, o amigo entrega-lhe seus trôços e põe-na na rua. Depois, passando para a sala onde o espera Nan, entra a fazer planos sobre a sua "lua de mel". Aggie, cheio de zelos, consegue penetrar pela porta da frente e colhendo uma pistola que está na bolsinha de mão de Nan, dispara um tiro certeiro contra Maskal, que cae morto. Depois, ella mesma, brada por soccorro. Quando chegam um empregado da casa e mais alguns sequazes de Maskal Aggie accusa Nan de o haver morto.

— Foste tú que o mataste! Eu estava de fóra, mas vi tudo pela vidraça. Não negues, a pistola é tua, não é?

Neste momento entra o Kid. Os esbirros querem metter-lhe medo, mas o destemido rapaz faz-se senhor da situação. Quem manda aqui sou eu! Eu sei que Nan é innocente. Quem o matou ha de pagar por isso, nas mãos da justiça.

* * *

Uma corrida dentro da noite. O Kid vae na direcção do carro. No banco de traz vão tres dos bandidos, dispostos a vingar a morte do chefe. O Kid, porém, pisa no accelerador, numa fúria damnada, emquanto Nan, ao seu lado e já armada com o revolver que elle lhe passara, obriga os tres sequazes a lançar fóra as armas. — Atirem, se têm coragem, mas na vóz de fogo eu atiro tambem pelo despenhadeiro! O carro, como uma flexa, rompe a noite, á beira de um principicio de muitos metros de profundidade. Um a um obedece a intimação. Podiam matar a pequena ou ferir o Kid, mas este os mataria a todos...

Por fim, amainada a carreira, de revolver em punho, o Kid os obriga a descer. Agora, vão a pé para a casa. Hão de ver que foi Aggie quem o matou.

GLORIA IN EXCELSIS DEA!

(POEMA DO NATAL)

CANTAE, sinos, cantae! Annunciae ás gentes a vinda do Messias!

Derramae sobre o mundo a harmonia de vossas vozes! Vibrae, sinos de bronze, enchei os espaços com as ondas sonóras de vosso canto! Cantae, sinos, cantae!

* * *

Noite luminosa e fria.

O luar punha scintillações prateadas sobre as cópas das arvores no casario distante...

Os peregrinos pararam junto á gruta, exhaustos, abatidos...

Tinham corrido inutilmente a cidade de Belém. Em nenhuma estalagem havia logar para elles, em nenhuma casa encontraram abrigo.

Myriam deixou-se cair sobre um feixe de palha, José ficou a seu lado, velando-lhe o somno...

* * *

Meia noite...

Luz estranha, intensa, sobrenatural diffunde-se pela gruta... No céo ha uma estrella maior e mais refulgente que todas as outras. Em redor da gruta o chão desabrocha flores, como na primavera... Os ares enchem-se de cantos singulares e harmoniosos...

Fez-se o incomprehensivel, realizou-se o milagre: nasceu o Salvador do mundo. Attrahidos pela estrella prodigiosa, vieram reis e pastores adorar o Menino. E elle a todos sorria, loiro e lindo, dos braços de Myriam.

Oh! noite das noites! Noite mysteriosa e santa!

* * *

Natal! Natal!

A paizagem é inteiramente branca, ao luar. E como si uma benção de luz cahisse sobre a terra adormecida...

Natal! Natal!

Ahi vem Pápá Noél pelos caminhos. Vem devagarinho, a longa barba branca fluctuando ao vento, todo branco, o bom velhinho, a espalhar brinquedos e esperanças, segundo a idade da gente...

* * *

Cantae, sinos, cantae! Derramae sobre o mundo a harmonia de vossas vózes!

Vibrae, sinos de bronze, enchei a noite com as ondas sonóras de vosso canto!

Cantae, sinos, cantae!

Gloria in excelsis Deo!

REGINA RIZZINI

24 de Dezembro.

Natal!

Que de recordações e que de saudades!

Lá fóra, do outro lado da rua, os sinos bimbalham festivos, annunciando a missa da meia-noite.

Gente alegre, aos magotes, passa para a igreja, falando e rindo.

Perto, quasi junto da minha prisão, vem uma serenata linda...

Que de saudades e que de recordações!

De mãos pregadas nas grades frias do meu carcere, olhando indifferente o povo que passa, vejo-me tão longe, nos meus tempos de liberdade, na minha cidadezinha alegre, lá onde o mar vem banhar constantemente a areia branca da praia, gemendo baixinho debaixo de um céo eternamente azul e risonho...

Noite de Natal...

Bandos alacres de pastorinhas encantadoras passam cantando ao som de guitarras soluçantes...

Muita gente á mesa...

Castanhas fumegantes, nozes, passas, figos...

E todos comem alegres, entre pilherias hilariantes...

Como que esquecido, a um canto da janella, deixo-me ficar junto de alguem, cujos olhos fitam os meus...

Minha mãe parece abençoar-nos, olhando-nos com ternura...

DIARIO DE UM PRESO

. . . .

O relogio da cadeia bate com força a meia-noite, chamando-me á realidade.

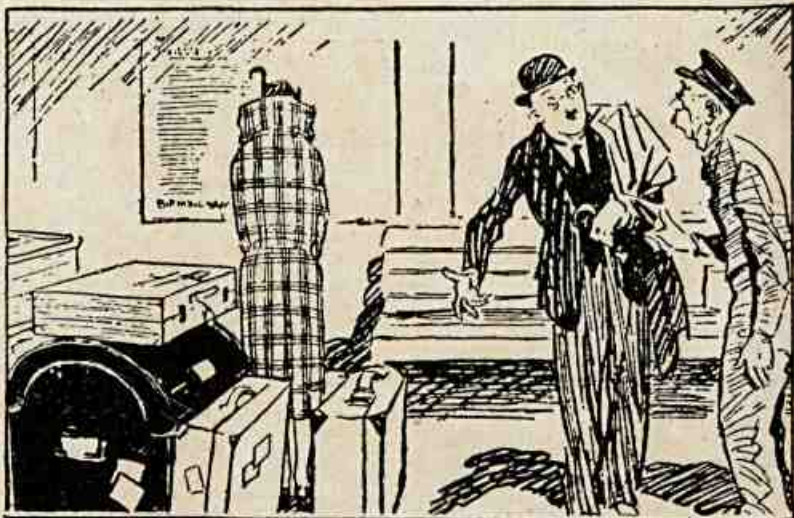
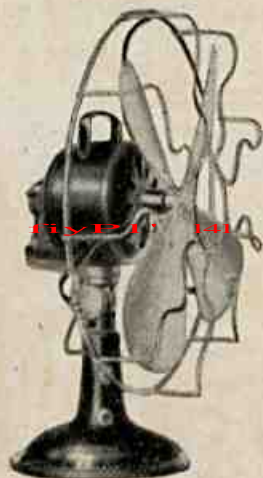
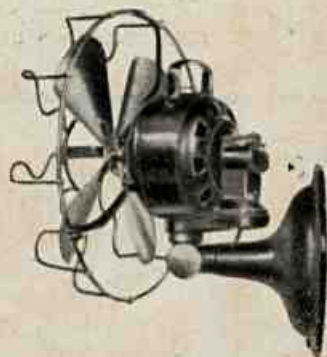
Que triste despertar!

Só, na minha prisão, como aquelle infeliz sabiá de Taunay.

Minha pobre mãe morreu de saudades, sem que eu a visse mais. Aquelle alguem que eu amava tanto, minha unica esperança na vida, Deus quiz para si...

. . . .

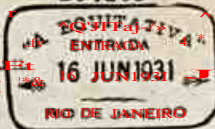
Lá fóra os sinos continuam a bimbalhar festivos, e a serenata, distante, vae se perdendo aos poucos na escuridão da noite...

Borges Netto

— Aqui está minha bagagem: dois bahús e tres valises.
— E esse manequim?
— Isso não é manequim. E' minha senhora.

Campos, 14 de Junho de 1931

234262

A EQUITATIVA
ENTRADA
16 JUN 1931
RIO DE JANEIRO

USINA DO QUEIMADO

Illmos. Srs. Directores da
EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
Av. Rio Branco, 125
RIO DE JANEIRO

Amigos e Senhores:

Apraz-me manifestar a VV.SS. toda a minha satisfação pelo modo criterioso com que acabam de liquidar, na fórma do Regulamento da Companhia, o meu seguro dotal, prazo de 10 annos, valor de Rs. 100:000$000, com accumulado, conforme apólice de n. 115.492/511, vencida em 1º de Junho corrente, liquidação feita pela quarta opção, como preferi, com o pagamento da quantia de Rs. 87:205$800, em dinheiro, já recebida, e a entrega, que opportunamente será feita, de uma apólice saldada da quantia de Rs. 100:000$000.

Reconhecendo assim a bôa liquidação de minha apólice, aproveito a opportunidade para apresentar a essa illustre Directoria as minhas congratulações pelo progresso sempre crescente dos negocios dessa Companhia, criteriosamente administrada, com esforços despendidos para imprimir aos seus negocios a confiança plena e garantia cabal das transacções effectuadas, em molde de offerecer sólidas vantagens em seus planos de seguros.

E penso comprovar, do melhor modo, o que acabo de exprimir linhas acima, confiando plenamente nos destinos da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, com a apresentação de uma proposta, no dia da liquidação do meu seguro vencido, para um novo seguro, dotal 20 annos, do valor de Rs. 200:000$000.

Podendo VV.SS. fazer uso da presente como lhes convier, tenho o prazer de me subscrever, attenciosamente,

De VV.SS. Att.º e Obr.º

(Julião Jorge Nogueira)

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
CAIXA POSTAL, 398 — RIO DE JANEIRO

Sirvam-se ministrar-me, sem compromisso de minha parte, informações a respeito dos seus planos de seguros

NOME ....

PROFISSÃO .... IDADE ....

ENDEREÇO ....
(Rua e numero)

CIDADE .... ESTADO ....

A EQUITATIVA

Sociedade de Seguros Sobre a Vida

Séde social: AVENIDA RIO BRANCO, 125 — Rio de Janeiro